

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE LETRAS E ARTES

ELIENAI FERREIRA DE OLIVEIRA

**MARCAÇÃO DA TERCEIRA PESSOA DO PLURAL DO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO EM VERBOS
REGULARES NA FALA DE PARAENSES RESIDENTES EM
BELÉM.**

Belém - PA
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE LETRAS E ARTES

ELIENAI FERREIRA DE OLIVEIRA

**MARCAÇÃO DA TERCEIRA PESSOA DO PLURAL DO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO EM VERBOS
REGULARES NA FALA DE PARAENSES RESIDENTES
EM BELÉM.**

Dissertação submetida à banca examinadora do
Curso de Mestrado em Letras da Universidade
Federal do Pará para a obtenção de grau de
Mestre em Letras – Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Regina Cruz

Belém - PA
2006

ELIENAI FERREIRA DE OLIVEIRA

**MARCAÇÃO DA TERCEIRA PESSOA DO PLURAL DO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO EM VERBOS
REGULARES NA FALA DE PARAENSES RESIDENTES
EM BELÉM.**

Dissertação de Mestrado, aprovado, apresentado à Universidade Federal do Pará, no Centro de Letras e Artes da, como requisito parcial para a obtenção do título de _____, com nota final de ____, conferida pela Banca Examinadora formada pelos professores:

Prof^a. Dr^a. Regina Cruz- Orientadora
Universidade Federal do Pará

Prof^a. Dr^a. Ana Christina Bentes
Universidade de Campinas

Prof^o. Dr. Sidney Campos
Universidade Federal do Pará

Belém - PA
2006

Dedico este trabalho à minha família.
Especialmente, às minhas avós, Helena e Nazaré, estrelas mais brilhantes do
meu céu de recordações.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, que no seu infinito amor nos concedeu coragem para lutar e confiança para vencer... “A Ti Senhor, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre”.

Aos meus pais tão especiais **Maria de Fátima e José Oliveira**, eternos depositários de um amor e confiança que foram determinantes para que eu alcançasse meus objetivos.

Aos meus queridos irmãos, **Nilton, Elane, Elida, Alan, Elaina, Elina, Bruno e Eliziane**, partes integrantes do meu cosmos de amor.

Ao meu namorado, **Vonez Pinheiro**, pelo amor e força que me foram dedicados tanto nos momentos alegres como nos tristes. Seu apoio e incentivo me ajudaram a superar inúmeras dificuldades.

A minha amiga-irmã, **Jane Claudia Moura**, por toda nossa história de amizade, lutas e vitórias. Por estar sempre presente em todos os momentos dessa tortuosa caminhada.

As minhas amigas, **Isabel Rodrigues e Jalma Prado**, por terem se feito presentes nos momentos bons, mas, sobretudo por terem me estendido as mãos, quando eu julgava que tudo estava perdido.

A **Leida Freitas**, grande mestra e amiga.

Ao Prof. Orlando Cassique, pelas orientações e disponibilidade na instrução sobre o uso do VARBRUL.

À minha orientadora Profa. Regina Cruz, pelas orientações e atenção a mim dispensadas.

A Todos aqueles de alguma forma contribuíram para conclusão deste trabalho.

[...] talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito [...]. Somos o que podemos ser. Mas graças a Deus não somos o que éramos.

Martin Luther King

OLIVEIRA, Elienai Ferreira de. **Marcação da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo em verbos regulares na fala de paraenses residentes em Belém**. 2006. 89 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós – Graduação em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa lingüística visa a analisar as realizações do sufixo flexional das formas verbais na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do modo indicativo na fala de paraenses residentes em Belém, sob a perspectiva da Sociolingüística Variacionista. Partindo do pressuposto de que a variação é motivada por fatores internos e externos à língua, acrescido ao fato de que a variação é passível de sistematização e análise, com o intuito de sistematizar a variação do fenômeno em estudo, foram arroladas 16 (dezesesseis) variáveis, sendo 13 (treze lingüísticas) e 3 (três) não lingüísticas. Os dados coletados da fala espontânea de moradores da cidade de Belém foram submetidos ao processo computacional Varbrul. Os resultados obtidos das análises estatísticas nos permitem observar a influência desse grupo de fatores na realização das variantes da variável dependente em estudo. Na análise, concernente à variável Conjugação Verbal, os dados indicaram a opção dos falantes pela forma padrão da língua portuguesa, exceto se o vocábulo seguinte à forma verbal for tônico. Notou-se também, a grande influência para a ocorrência obediente à norma culta, o contexto fonológico seguinte à forma verbal, acrescido do fato de que se a forma verbal analisada for precedida de verbo com ditongo nasal com sufixo flexional, haverá maior ocorrência da variável dependente. Analisando os fatores e considerando as variáveis sexo e faixa etária, analisadas separadamente, os resultados apontaram que mulheres e falantes com faixa etária de 15 a 25 anos mostraram-se obedientes à forma padrão na conjugação de verbos na terceira pessoa do pretérito perfeito do modo indicativo. Com base nos resultados obtidos, concluímos que as variantes da variável dependente analisada neste trabalho seguem regras que obedecem a uma sistematicidade e logicidade, fato este que torna possível sua sistematização e análise.

Palavras-chave: Sociolingüística, Variação, Concordância Verbal.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Cidade de Belém do Pará..... | 43 |
| Figura 2 – Variável dependente..... | 66 |
| Figura 3 – Conjugação Verbal..... | 67 |
| Figura 4: Tonicidade da sílaba do vocábulo seguinte..... | 69 |
| Figura 5 - Contexto Fonológico seguinte à forma verbal..... | 70 |
| Figura 6 - Paralelismo Formal..... | 71 |
| Figura 7 - Sexo..... | 73 |
| Figura 8 - Faixa Etária..... | 74 |
| Figura 9 – Faixa Etária..... | 74 |
| Figura 10 - Análise binária da tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte..... | 75 |
| Figura 11 - Paralelismo formal do discurso..... | 76 |
| Figura 12 - Análise Binária do Fator Sexo..... | 77 |
| Figura 13: Sexo x Tonicidade do vocábulo formal da sílaba seguinte..... | 78 |
| Figura 14: Sexo x Paralelismo Formal do discurso..... | 78 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Plano Geral da Amostra..... | 38 |
| Tabela 2 – Conjugação Verbal..... | 50 |
| Tabela 3 - Elementos mórficos da variante padrão dos verbos regulares na terceira pessoa do plural segundo Câmara Jr..... | 56 |
| Tabela 4 – Variável Dependente..... | 66 |
| Tabela 5 – Conjugação Verbal..... | 67 |
| Tabela 6 – Tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte | 68 |
| Tabela 7 - Contexto fonológico seguinte à forma verbal..... | 70 |
| Tabela 8 - Paralelismo Formal do Discurso | 71 |
| Tabela 9 - Sexo..... | 72 |
| Tabela 10 - Faixa etária | 74 |
| Tabela 11 - Tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte | 75 |
| Tabela 12 – Análise Binária do Paralelismo Formal do Discurso (p. 93) | 76 |
| Tabela 13 - Sexo..... | 76 |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|--|----|
| 1 | Introdução | 12 |
| 2 | A Teoria Labovina | 15 |
| 3 | A Sociolingüística Variacionista..... | 18 |
| 3.1 | Fundamentos teóricos e metodológicos | 18 |
| 3.1.1 | A Variação na Língua..... | 21 |
| 3.1.2 | Variável Estável ou Mudança em Curso | 23 |
| 3.1.3 | O Estudo da Mudança Lingüística no Tempo Aparente | 24 |
| 3.2 | Variáveis Lingüísticas | 25 |
| 3.3 | Variáveis extra-lingüísticas | 26 |
| 3.3.1 | Comportamento das Variáveis Sociais nos Processos de Variação Estável ou Mudança em Progresso..... | 26 |
| 4 | O Fenômeno da Concordância | 28 |
| 4.1 | O Estudo da Concordância Verbal em Português | 30 |
| 4.1.1 | A Concordância Verbal na Língua Portuguesa sob a Perspectiva da Gramática Normativa | 31 |
| 5 | Corpus de análise | 37 |
| 5.1 | A Amostra | 37 |
| 5.2 | Estratificação da amostra | 37 |
| 5.3 | Coleta dos dados | 39 |
| 5.4 | Coleta de Dados x Paradoxo do Observador | 39 |
| 5.5 | Transcrição e Digitação dos dados..... | 40 |
| 5.6 | Identificação do fenômeno lingüístico | 42 |
| 5.7 | A Comunidade Lingüística pesquisada..... | 43 |

| | |
|--|----|
| 5.8 Metodologia | 45 |
| 6 Descrição das Variáveis | 46 |
| 6.1 Conjugação Verbal | 50 |
| 6.2 Posição no grupo de força | 51 |
| 6.3 Quantidade de sílabas das palavras..... | 52 |
| 6.3 Presença ou ausência de complemento | 52 |
| 6.4 Saliência Fônica..... | 53 |
| 6.5 Tempo das Formas Verbais..... | 54 |
| 6.6 Tonicidade da forma verbal analisada | 56 |
| 6.7 Tonicidade da sílaba seguinte á forma verbal analisada | 57 |
| 6.8 Posição do sujeito em que se encontra a forma verbal analisada | 58 |
| 6.9 Contexto fonológico seguinte à forma verbal analisada..... | 58 |
| 6.10 Paralelismo Formal do Discurso | 59 |
| 6.11- Variáveis não-lingüísticas: | 60 |
| 6.11.1 Sexo | 60 |
| 6.11.2 Faixa Etária | 61 |
| 6.11.3 Escolaridade..... | 61 |
| 6.12 Análise Quantitativa | 62 |
| 7 Análise dos dados | 64 |
| 7.1 Etapa 1: Análise e Discussão dos Resultados..... | 64 |
| 7.2 Fatores Excluídos: | 65 |
| 7.3 Análise daVariável Dependente..... | 65 |
| 7.4 Análise das Variáveis não-lingüísticas..... | 67 |
| 7.4.1 Conjugação Verbal..... | 67 |
| 7.4.3 Contexto fonológico seguinte à forma verbal | 69 |
| 7.4.5 Paralelismo Formal do Discurso..... | 71 |
| 7.4.6 Sexo | 72 |

| | |
|--|--------------------------------------|
| 7.4.7 Faixa Etária | 73 |
| 7.5 Cruzamentos entre variáveis | 77 |
| 7.5.1 Variável Sexo x Tonicidade do Vocábulo Formal da Sílabas Seguinte | 77 |
| 8 Considerações Finais | 80 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 83 |
| ANEXOS | Erro! Indicador não definido. |

1 INTRODUÇÃO

Partindo da inquestionabilidade de que língua e sociedade estão ligadas entre si, logo uma não pode ser concebida sem a outra, acrescido à percepção da variabilidade a que os fatos lingüísticos estão continuamente submetidos, depreendeu-se a necessidade de um estudo contínuo e sistemático dos fatores responsáveis pela variação na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito na fala de paraenses residentes em Belém. Essa necessidade parte da premissa de que é inegável a admissão de que os fenômenos de mudança, que decorrem da variação, podem ser objeto de estudo e observação. Dessa forma, neste trabalho de investigação lingüística é seguida a linha teórico-metodológica adotada pela Sociolingüística, ciência que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala.

Estudos sobre o fenômeno da concordância verbal na terceira pessoa do plural já foram desenvolvidos anteriormente por Freitas (1996). Nesse estudo, foi confirmada a hipótese de que estaria ocorrendo na língua portuguesa a ditongação, a monotongação nasal ou monotongação com retenção ou apagamento da nasalidade no sufixo flexional das formas verbais na terceira pessoa do plural.

A presente análise pretende dar continuidade às observações postuladas por Freitas (1996), além de propor novas contribuições a esses estudos, visto que a dinamicidade é fator inerente a todas as línguas.

O fenômeno investigado tanto por Freitas (1996) quanto por este trabalho, apresenta-se da seguinte forma na fala paraense:

- 1- **Ditongação** - ... meus pais me disserAM que só dois amigos meus forAM me visitar no hospital.
- 2- **Monotongação Nasal** - ...o meu pai com a minha mãe nunca se derUm bem.
- 3- **Monotongação com retenção ou pagamento da nasalidade** - ...quando eles precisU de mim .

Com o intuito de estudar com mais precisão o fenômeno da variação acima citado, este trabalho de pesquisa sociolingüística tem por norte:

- 1- Depreender e explicitar as variáveis que condicionam essas ocorrências, no intuito de um melhor entendimento da variação do fenômeno ou variável dependente em estudo.
- 2- Corroborar com a postulação de que sendo essencial à própria natureza da linguagem humana, a variação pode se analisada sistematicamente.
- 3-Verificar se o estágio em que se encontra a variação observada na ocorrência da variável dependente pode ser considerada como variação lingüística já realizada ou mudança em curso.
- 4- Contribuir para futuras investigações lingüísticas referentes ao fenômeno estudado.

Para alcançar esse objetivo, apropriamo-nos de uma metodologia de análise lingüística formulada em seus termos gerais por William Labov, intitulada Teoria da Variação ou Sociolingüística Quantitativa. A Teoria Variacionista parte do pressuposto de que a heterogeneidade manifestada na fala pode ser analisada de forma sistemática e contínua. Sendo que essa análise considera aspectos lingüísticos e extra- lingüísticos que influenciam a variação na terceira pessoa do plural do pretérito concluso.

A preferência por esse procedimento metodológico se deve ao fato de este modelo permitir uma descrição sistemática mais complexa do fenômeno analisado, estabelecendo, conjuntamente, relação entre fatores lingüísticos e extra-lingüísticos.

A partir de gravações de falares espontâneos de narrativas de vida de 54 entrevistados, codificaram-se os aspectos a serem estudados e esses dados foram submetidos a um processamento eletrônico do programa computacional Varbrul. O produto final desse processamento são probabilidades ou tendências associadas a cada fator proposto. Sendo que esses fatores podem ser de natureza lingüística e não lingüística. Após tratamento estatístico dos dados, sucedeu-se a interpretação dos resultados à luz dos princípios gerais da lingüística.

Esta pesquisa se mostra distribuída em capítulos organizados na seguinte ordem: o capítulo I trata dos objetivos que se pretendem alcançar com essa pesquisa investigativa . O capítulo II versa sobre a teoria desenvolvida por William Labov. O capítulo III aborda a Sociolingüística e seu objeto de estudo. O capítulo IV retrata a Concordância Verbal na Língua Portuguesa. O capítulo V relata o tratamento dispensado aos dados lingüísticos observados. O capítulo VI especifica as variáveis internas e externas à língua que serão analisadas na ocorrência do fenômeno em estudo. No capítulo VII, asseveram-se os resultados obtidos após análise do fenômeno estudado e , no capítulo VIII, postular-se-ão as considerações finais.

2 A TEORIA LABOVINA

A lingüística estrutural, em seu modelo clássico, procurava descrever a estrutura invariante dos sistemas lingüísticos. Embora nem sempre de forma explícita, admitia-se que a língua é uniforme em termos absolutos, embora possa ser estratificada e heterogênea no seu sentido real.

A dicotomia saussureana Langue-Parole se formulava na oposição entre o que é variante, geral, social, de um lado, e o que é incidental, variável, individual, de outro. O aspecto insólito da divisão estabelecida por Saussure pela oposição Langue-Parole está em que a Langue, social por definição, nunca seria pesquisada nas suas manifestações reais, se isso ocorresse, estar-se-ia diante da Parole. A tarefa cingiu-se à explicitação da própria gramática do lingüista (que então ficava na situação inédita de produzir a teoria e os dados) ou de um informante considerado representante ideal de sua comunidade de fala. Por outro lado, a Parole, postulada como individual, só poderia ser surpreendida no contexto social. (Labov, 1972).

A Langue representava uma realidade psíquica, ou seja, correspondia a associações entre conceitos e imagens acústicas. Enquanto a Parole representa uma realidade psíquica e fisiológica: associação dos conceitos às imagens acústicas e destas à efetiva produção dos sons.

Dessa forma, o lingüista tinha por interesse prioritário o aspecto da recepção. Para ele, não interessava o que o informante falava, e sim o que ele ouvia ou acreditava ouvir.

A procura de sistemas gerais, relativamente uniformes, baseada nessa postura estruturalista conseguiu resultados desiguais, nos vários campos de

estruturação da linguagem.

Posteriormente, Chomsky apresentou uma formulação da dicotomia saussureana, onde mudavam-se as nomenclaturas: agora a oposição se evidenciava entre Competência e Performance. De um lado posicionava-se o conhecimento disponível de cada informante e do outro, a seleção e execução das regras que configuram este conhecimento.

A diferença entre o modelo saussureano e a reformulação chomyskeana centraliza-se na oposição de que se para Saussure importava o que o informante ouvia , para Chomsky interessava a intuição do informante.

Os gerativistas esperavam que os julgamentos intuitivos fossem uniformes, uma vez que o falante –ouvinte pertencia a uma comunidade lingüística perfeitamente homogênea e perfeito conhecedor da língua dessa comunidade. Esperava-se também que além de uniformes, os julgamentos intuitivos fossem claros, com poucos caos de flutuação. Neste contexto de competência, está claro que as regras lingüísticas excluem normas sociais explícitas, relacionadas a elas.

A progressiva sistematização dos estudos das comunidades lingüísticas levou a uma revisão do modelo acima, especialmente no que se refere à metodologia do trabalho. Convém ressaltar que não surge uma nova teoria, contudo há o aprimoramento de um método para estudar a língua no seu contexto social.

Labov, dentre outros estudiosos, adota essa nova postura metodológica face aos dados da língua . A língua estudada no seu contexto social representa uma ruptura no quadro teórica da gramática gerativa.

Os pressupostos fundamentais da formulação de Labov (1972), que passou a denominar-se Teoria da Variação, podem ser assim resumidos:

1- A variação é uma propriedade regular, é inerente ao sistema;

2- A regra variável é uma regra de produção: o desempenho é afetado por restrições variáveis; ele é função da proporção de casos em que a regra se aplica, em relação ao total de ocorrências do contexto em questão;

3- Cada restrição variável contribui de forma autônoma para a probabilidade e operação da regra;

4- As quantidades numéricas representam abstrações analíticas de tendências que podem variar um pouco dia a dia, ou de falante a falante, mas são tendências reais.

O objetivo real desse modelo consiste em estudar a fala, como uma das formas de comportamento social. Admite-se que se a língua é um tipo de comportamento social, todo avanço teórico na análise dos processos de mudança lingüística contribuirá para a teoria da mudança social (Labov, 1972).

3 A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

3.1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Mollica (2003, p.9) postula que “ A Sociolingüística é uma das sub-áreas da lingüística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando sua atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos lingüísticos e sociais”.

Partindo desse pressuposto, o objeto de estudo da Sociolingüística centraliza-se precipuamente nos padrões de comportamento lingüístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis. Esse modelo visa a responder a questão central da mudança lingüística a partir de dois princípios teóricos fundamentais: (i) o sistema lingüístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve também ser heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções; rompendo-se assim a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade; (ii) os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões e comportamento lingüístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança. (Labov,,1972, e Weinreich e Herzog, 1968)

É de insigne relevância postular que a dinamicidade é inerente a todas as línguas. O que nos leva a concluir que todas as línguas são heterogêneas.Dessa

forma, a coexistência da forma verbal “eles forAM” com seus equivalentes semânticos “eles forUM” eles forU” constituem-se exemplos que ilustram a variabilidade lingüística presente no português falado no Brasil. Esse processo de mudança que ocorre na comunidade de fala em Belém do Pará constitui fenômeno de suma relevância para os estudos sociolingüísticos.

Torna-se pertinente esclarecer que comunidade de fala para esse modelo teórico metodológico não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente igual, mas que compartilham traços lingüísticos que distinguem seu grupo de outros, comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros e, principalmente, compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem. (Labov, 1972)

Como já foi citado anteriormente, este trabalho de investigação lingüística se propõe a descrever e analisar à luz da teoria Laboviana, a variação na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito na fala de paraenses residentes em Belém. Como gênese desta investigação, partimos do princípio de que as realizações na conjugação da terceira pessoa do plural observáveis no corpus desta pesquisa são influenciadas por fatores sociais e estruturais.

Convém explicitar que embora a dinamicidade seja fator inerente a todas as línguas, todo sistema lingüístico encontra-se permanentemente sujeito à pressão de duas forças que atuam no sentido da variedade e da unidade. Esses impulsos contrários permitem ora a variação, ora a convergência. A atuação dessas forças condicionam a unidade, evitando, dessa forma o caos na língua. De acordo com essa afirmativa (Mollica, 2003,12) advoga “ As línguas apresentam as contrapartes fixa e heterogênea de forma a exibir unidade em meio a heterogeneidade. As línguas exibem inovações mantendo-se contudo coesas”

Destarte, podemos concluir que a variação na língua é inerente, motivada, logo não é algo aleatório. Essa asseveração vem de encontro ao conceito das variáveis livres propostas pelos estruturalistas, uma vez que a variação na língua é estruturada, ou seja, há um sistema (uma organização) por trás da heterogeneidade da língua falada.

A língua em meio a suas variações pressupõe a existência de formas lingüísticas alternativas chamadas Variantes. São vários os fatores que condicionam essas formas variantes, com ação simultânea e emergem de dentro para fora dos sistemas lingüísticos.

No que se refere ao fenômeno que será estudado nessa pesquisa, a concordância da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do modo indicativo chama-se Variável Dependente, isso porque se constitui em um fenômeno variável. O termo variável pode determinar também um grupo de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural, podendo ser de natureza interna ou externa à língua.

No conjunto das variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fonomorfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito às características da língua em várias dimensões. No conjunto das variáveis externas à língua, encontram-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo) e os sociais (escolarização, nível de renda, profissão e classe social).

Tanto as variáveis lingüísticas como as não lingüísticas não agem de forma isolada, pois atuam conjuntamente para inibir ou favorecer o emprego das formas variantes de equivalência semântica.

3.1.1 A Variação na Língua

A variação é um requisito do próprio sistema lingüístico, Du Bois (1984) assevera que na língua há “motivações em competição”, postulado este que confirma a proposição da variação lingüística ser motivada por fatores externos e internos à língua. Como já foi anteriormente citado, embora a língua seja heterogênea não há um caos lingüístico, sendo a língua um sistema estruturado passível de análise.

Na língua há formas em variação, ou seja, formas distintas de expressar algo em comum e no mesmo contexto. Para Tarallo (2002), essas formas em variação são denominadas “variantes lingüísticas”. Como exemplo, cita-se a marcação ou não marcação do sufixo flexional na terceira pessoa do plural. O conjunto dessas variantes denomina-se “variável lingüística”. Para Labov (1972) para se definir uma variável lingüística é necessário:

- a) definir o número exato de variantes;
- b) estabelecer toda a multiplicidade de conceitos em que ela aparece;
- c) elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis.

Para Monteiro (2000) para que uma variável seja objeto de investigação, alguns quesitos devem ser preenchidos antes do pesquisador iniciar seus trabalhos:

- a) É necessário que a variável seja freqüente, isto é, que ocorra de tal forma numa conversação espontânea que seu comportamento possa ser estabelecido a partir de contextos não estruturados e entrevistas breves;

- b) A variável tem que ser estrutural no sentido de que, quanto mais esteja o elemento integrado num sistema maior de unidades em funcionamento, maior será o interesse lingüístico;
- c) A distribuição do traço deverá ser altamente estratificada.

O termo variável pode designar tanto um fenômeno em variação quanto um grupo de fatores. Neste trabalho de pesquisa, a variável dependente “concordância verbal da terceira pessoa do plural”, subdivide-se em variáveis lingüísticas dependentes e independentes. Destarte, a Teoria da Variação considera a língua em seu contexto sócio-cultural, visto que, encontra nos fatores externos ao sistema lingüístico, e não só nos fatores internos à língua, explicação para a heterogeneidade que emerge nos usos lingüísticos.

Enquanto pesquisa sociolingüística, buscar-se-á investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variável dependente em estudo, além de prever a sistematicidade e a regularidade de seu comportamento. Para alcançar esse objetivo, far-se-á uma descrição estatisticamente fundamentada da variação da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito, tendo como objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes lingüísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. Calcular-se-á a influência que cada fator, interno ou externo ao sistema lingüístico, possui na realização de uma ou de outra variante. Concretizada essa etapa, a análise sociolingüística buscará estabelecer a relação entre o processo de variação em estudo na língua em um determinado momento (sincronicamente) com os processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo (diacronicamente).

3.1.2 Variável Estável ou Mudança em Curso

A análise das variáveis sociais possibilita a definição do quadro de variação observado na comunidade de fala nos termos da dicotomia entre variação estável ou mudança em progresso. No caso da variação estável, conclui-se que a variação tende a se manter por um longo período, uma vez que as variantes lingüísticas que configuram o fenômeno da variação não estão em predominância uma sobre a outra. Caso contrário, ou seja, se for verificado a predominância de uma variante lingüística sobre a outra, implica mudança em progresso, uma vez que o processo de variação caminha para a resolução de uma das variantes identificadas, que deve se generalizar, tornando seu uso categórico dentro da comunidade de fala. Nessa conjuntura outra (s) variante (s) tenderia (m) a desaparecer.

Segundo Labov (1972) , no que refere às variantes, há três tipos de problemas observáveis, se conjugado a estrutura lingüística variável com fatores sociais:

1- O problema da transição (*transition problem*) diz respeito ao modo como uma determinada variante estaria se difundindo entre os diferentes segmentos sociais.

2-O problema da avaliação (*evaluation problem*) se refere à reação dos falantes frente aos valores da variável observada, aferida através de testes e julgamento subjetivo, para se identificar a tendência de mudança favorecida por essa avaliação social.

3- O problema da implementação (*actuation problem*) seria a utilização das informações anteriores , pra se verificar o encaixamento desta variável na estrutura da língua na comunidade de fala, conhecendo de que modo a possível mudança se concretizaria.

Nesse sentido, a grande questão é avaliar se num fenômeno de variação há predominância de uma determinada variante, concretizando assim uma mudança lingüística; ou se as variantes identificadas tendem a se manter no uso lingüístico da comunidade, fato que caracteriza variação estável.

3.1.3 O Estudo da Mudança Lingüística no Tempo Aparente

Os estudos desenvolvidos por William Labov na ilha de Martha's Vineyard e depois na cidade de Nova York possibilitaram inferências sobre o desenvolvimento diacrônico da língua a partir de análises sincrônicas. Labov (1972) ao conceber a variação lingüística como um fenômeno sistemático passível de descrição e análise, antagoniza os postulados dos estruturalistas americanos que concebiam a mudança lingüística não ser passível de observação em seu processo de implementação, porém apenas em seus resultados finais.

Segundo Lucchesi (2001) a variação observada sincronicamente em um determinado ponto em curso na língua, no plano diacrônico. Desse modo, busca-se aprender o tempo real, onde se dá o desenvolvimento diacrônico da língua, no chamado tempo aparente, constituindo assim uma espécie de projeção.

O enfoque central do tempo aparente reside no fato de que as diferenças no comportamento lingüístico de gerações diferentes de falantes , em determinado momento refletiriam diferentes fases do desenvolvimento da língua.

Referente a essa questão, Chambers & Trudgill (1980, apud Freitas, 1996) advogam:

A validade do tempo aparente depende crucialmente da hipótese de que a fala das pessoas de 40 anos hoje reflete diretamente há 20 anos atrás e pode, portanto ser comparada com a fala de pessoas de 20 anos de hoje, para uma pesquisa de difusão de mudança lingüística. As discrepâncias entre a fala das pessoas de 40 e 20 anos são atribuídas ao processo de inovação lingüística nos vinte anos que separam os dois grupos.

Ainda referente a essa questão, Labov (1972) assevera que somente uma estabilidade no sistema permite imaginar que o comportamento lingüístico dos falantes de 60 anos de hoje corresponderia a padrão fixado na comunidade de 50 anos atrás. Contudo, qualquer afirmação nesse sentido não pode ser categórica, pois se em determinado momento um lingüista faz o diagnóstico de uma mudança, nada pode garantir que essa mudança não poderá ser revertida.

3.2 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

A Sociolingüística investiga o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, diagnosticando as variáveis e as variantes lingüísticas buscando descrever

seu comportamento preditivo.

Segundo Labov (1972) para se definir uma variável lingüística é necessário:

- 1- Definir o número exato de variantes
- 2- Estabelecer toda a multiplicidade de contextos em que ela aparece.
- 3- Elaborar um índice quantitativo que permita medir o índice das variáveis.

3.3 VARIÁVEIS EXTRA-LINGÜÍSTICAS

Camacho (2001) considera que, de uma perspectiva geral, podemos descrever as variedades lingüísticas a partir de dois parâmetros básicos: (i) a variação geográfica ou diatópica, relacionada às diferenças decorrentes do espaço físico e , (ii) a variação social ou diastrática, relacionada a um grupo de fatores que têm a ver com a identidade social dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Relacionam-se à classe social, idade e sexo.

3.3.1 Comportamento das Variáveis Sociais nos Processos de Variação Estável ou Mudança em Progresso

Através da combinação dos resultados das variáveis idade, sexo, classe

social e nível de escolaridade, a partir da noção de prestígio, as pesquisas sociolinguísticas buscam especificar a efetivação da mudança em progresso ou da variação estável.

Estudos desenvolvidos em grandes centros apontam para um cenário em que, no que concerne às variáveis escolaridade e classe social, os falantes das classes mais altas e de maior nível de escolaridade tendem a usar com mais frequência as formas de prestígio. Fato este que não ocorre nas classes mais baixas. O que leva a conclusão de que os processos de mudança são liderados por falantes das classes menos favorecidas financeiramente. (Labov, 1982)

No aspecto relativo à variável faixa etária, a variação estável se caracterizaria com as faixas etárias intermediárias utilizando com maior frequência as formas de prestígio. Com referência à mudança em progresso, os mais jovens usam com mais frequência as formas inovadoras.

No que se refere à variável sexo, as mulheres são mais conservadoras, no sentido de utilizarem com mais frequência as formas de prestígio. Contudo, convém ressaltar que nas situações de variação estável, em que as mulheres mostram-se mais sensíveis à utilização das formas mais prestigiadas da língua, ocorrem nas sociedades em que as mulheres são mais ativas, ou seja, desempenham um papel atuante nas sociedades em que estão inseridas. Em contrapartida, os homens tendem a liderar as mudanças em um abandono às formas padrão da língua .

Torna-se relevante asseverar que a caracterização de um processo de variação estável ou mudança em curso não depende da análise isolada das variáveis sociais, contudo, do cruzamento com outras variáveis.

4 O FENÔMENO DA CONCORDÂNCIA

No Brasil, a língua portuguesa apresenta mecanismos gramaticais de concordância de gênero, número e pessoa. Para especificar aspectos diferenciados podemos asseverar que a concordância de pessoa (*ele foi / eles foram*) é especificamente verbal; a concordância de gênero (*o menino / a menina*) é especificamente nominal e a concordância de número pode ser tanto verbal quanto nominal.

A concordância nominal ocorre entre os elementos flexionais do SN (*Oø carroø vermelhoø / os carros vermelhos*) ou entre o SN sujeito e o predicado, em construções com verbo de ligação (*Oø carroø são vermelhoø / os carros são vermelhos*). A concordância verbal que é objeto de estudo deste trabalho ocorre entre o SN e o verbo (*ela vê / elas vêem*).

Com relação a essas considerações Oliveira (1988) considera:

O sintagma consiste num conjunto de elementos que constituem uma unidade significativa dentro da oração e que mantém entre si relação de dependência e de ordem. Organizam-se em torno de um elemento fundamental, denominado núcleo, que pode, por si só, constituir o sintagma. Assim, no sintagma: *Pedro, o policial, a criancinha doente, meu filho, você*, o núcleo é um elemento nominal (nome ou pronome), tratando-se, pois, de sintagmas nominais. Contudo, no caso *estava diante da vitrine de uma joalheria, deteve vários suspeitos do furto, adormeceu, sonha ansiosamente com o dia de natal e levará a encomenda*, o elemento fundamental é o verbo, tendo-se nesse caso, *sintagmas verbais*.

Observe o exemplo:

(1) A menina bonita (SN) / viajou (SV).

A estrutura (1) pode ser decomposta em dois núcleos: Sintagma Nominal e Sintagma Verbal.

Este trabalho tem por norte investigar a concordância verbal nos elementos flexionáveis das formas verbais na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito na fala de paraenses residentes em Belém.

A tradição gramatical brasileira postula que tanto no registro formal quanto informal, na fala de pessoas cultas, a concordância tanto verbal quanto nominal é obrigatória, sendo que o não cumprimento dessa norma implica desacordo com a *língua padrão*, fato este que condiciona preconceito lingüístico. Par evitar esse falar e/ ou escrever estigmatizado a norma culta da língua prescreve que para indicar que estamos falando termos no plural, devemos acrescentar marcas pluralizadas tanto no Sintagma Verbal quanto no Sintagma Nominal.

Observe os exemplos abaixo:

- a) A garota bonita foi viajar.
- b) As garotas bonitas foram viajar.

Observe que segundo a norma padrão pra que se faça a *concordância correta* é necessário atribuir marcas de plural ao artigo, substantivo, adjetivo e ao verbo.

Para Bagno (2000)

Essa quantidade de marcas de plural é , do ponto de vista lógico, uma redundância desnecessária e, do ponto de vista econômico, um gasto excessivo. O português não-padrão é bem diferente disso. Ele é mais sóbrio, mais econômico, mais modesto, menos vaidoso. Sua regra de plural é a seguinte: marcar uma só palavra para indicar um número de palavras maior que um..

Observe o exemplo abaixo :

Muitos profissional trabalhA mas elis num ganhUm

Nesse exemplo retirado do banco de dados desta pesquisa, percebemos que na primeira oração *Muitos profissionais trabalham*, há marcação de plural somente no advérbio, permanecendo o verbo sem flexão de plural. Na segunda oração *mas eles não ganham*, a marcação de plural é marcada no sujeito da oração *eles*. Trabalhos anteriores como os de Scherre (1988) e Freitas (1996) também evidenciam similares ocorrências.

4.1 O ESTUDO DA CONCORDÂNCIA VERBAL EM PORTUGUÊS

Nos últimos anos, a concordância verbal em português tem sido um fenômeno bastante investigado, principalmente sob a perspectiva da teoria da variação e mudança de orientação laboviana. Esses trabalhos de pesquisa buscam investigar quais as variáveis internas ou externas à língua que influenciam os fenômenos da variação.

Conforme Scherre (1992), a Sociolinguística vem apostar o caráter sistemático da variação, admitindo que essa variação é regular, condicionada por fatores de ordem diversa cada um testado em seu peso específico, contribuindo para a escolha de uma ou outra das formas alternantes. Segundo a Sociolinguística, toda língua varia, isto é, muda com o tempo e varia no espaço.

Sobre a variação da escrita verbo/sujeito na escrita padrão Scherre (1988) advoga que a variação envolve quatro configurações estruturais:

1- Construções de sujeitos pospostos independentemente de serem compostos:

- Mas se a população da rua não for retirada de nada **ADIANTARÃO** medidas de segurança.

- **Sairá** duas caravanas de docentes para participar desse evento.

2- Construções de sujeito simples com estrutura complexa, independente de expressarem noções quantitativas, coletivas ou partitivas.

- Um grupo de artistas **ESTAVA** sábado à noite no Cine Racamar.

- Um grupo de turistas **Chegam** a uma aldeia de canibais e vão a um restaurante.

3- Construções com sujeito de estrutura complexa que expressam percentual:

- 70% **ACHAM** que o presidente conseguirá encontrar.

- 59% **ACHA** que o governo é a favor dos ricos.

4- Construções com sujeito composto singular de estrutura complexa:

- O crescimento e o dinamismo da economia da Tailândia **SÃO** incompatíveis com a tradição de compra de votos.

- A atuação da máfia do contrabando e o crescente interesse de comerciantes em descarregar mercadorias em banca de camelô **ESTÁ** inflacionado o mercado do asfalto.

Após a análise de um caso significativo de casos Scherre (1998) chega a seguinte conclusão:

A concordância verbo/sujeito é sempre regida pelo núcleo do sujeito. Se o sujeito em jogo tiver um só núcleo de estrutura simples sintagmática anteposta ao verbo. Nos demais casos, outros elementos podem entrar em jogo para assumir o controle da concordância. Por exemplo, nos casos de um só núcleo de sujeito de estrutura complexa, o controle da concordância também pode ser assumido pelo núcleo da concordância nominal no sintagma preposicional. SE houver mais um sintagma, quem vai comandar a concordância é o núcleo do sintagma nominal.

4.1.1 A Concordância Verbal na Língua Portuguesa sob a Perspectiva da Gramática Normativa

Segundo as regras da Gramática Normativa, o verbo e o sujeito mantêm entre si uma relação de mútua solidariedade chamada **Concordância Verbal**. De acordo com essa relação, verbo e sujeito concordam em número e pessoa: (CUNHA, 1985). Observe os exemplos abaixo:

- Eu faço desenho artístico. / Nós fazemos desenho artístico.

Sujeito da primeira pessoa do singular/sujeito da primeira pessoa do plural

- Qualquer pessoa razoável reconhece os próprios erros.

Sujeito da terceira pessoa do singular

- Pessoas razoáveis reconhecem os próprios erros.

Sujeito da terceira pessoa do plural

O sujeito composto equivale a um sujeito no plural:

- **Pai e filho** conversam longamente.
- **Pais e filhos** devem conversar com freqüência.

Devido ao limitado uso das formas verbais na segunda pessoa do plural (vós) no português atual, tem surgido com bastante freqüência a concordância com a forma verbal da terceira pessoa, já aceita por grande parte dos gramáticos como legítima.

Em todos os casos vistos até agora, os sujeitos compostos antepostos ao verbo com que concordam. No caso dos sujeitos compostos pospostos ao verbo, abriu-se uma nova possibilidade de concordância: o verbo pode deixar de concordar no plural com a totalidade do sujeito para estabelecer concordância com o núcleo do sujeito mais próximo.

Quando há reciprocidade, no entanto, a concordância deve ser feita no plural.

As regras que envolvem a concordância verbal são inúmeras e são pregadas pela Gramática Tradicional como leis fixas e imutáveis. Todas as normas de concordância verbal, partem da seguinte regra geral:

O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa

Abaixo, citaremos algumas regras propostas pela Gramática Normativa para a Concordância Verbal:

Concordância do Verbo com o Sujeito Composto

1º Caso:

- Quando o sujeito composto vier anteposto, o verbo irá para o plural.

Ex: O milho e a soja subiram de preço.

- Quando os núcleos do sujeito forem sinônimos, o verbo poderá ficar no singular ou no plural.

Ex: Medo e terror nos acompanha (acompanham) sempre.

- Quando os núcleos do sujeito vierem resumidos por tudo, nada, alguém ou ninguém, o verbo fica no singular.

Ex: Dinheiro, mulheres, bebida, nada o fazia feliz.

- Quando o sujeito for formado por núcleos em gradação (ascendente ou descendente), o verbo ficará tanto no singular quanto no plural.

Ex: Uma briga, um vento, o maior furacão o inquietava (inquietavam).

2º Caso

- Quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, o verbo irá para o plural ou concordará apenas com o núcleo do sujeito que tiver mais próximo.

Ex: Chegou o pai e a filha, Chegaram o pai e a filha.

3º Caso:

- Quando o sujeito composto for formado por pessoas gramaticais diferentes, o verbo irá concordar com a pessoa que tiver prevalência. 1ª, 2ª, 3ª.

Ex: Eu, tu e ele fizemos o exercício.

4º Caso:

- Quando os núcleos do sujeito vierem ligados pela conjunção “ou”, o verbo ficará no singular se houver idéia de exclusão. Se houver idéia de inclusão, o verbo irá para o plural.

Ex: Pedro ou Antônio será o presidente do clube. (Exclusão)

Laranja ou mamão fazem bem à saúde. (Inclusão)

Casos especiais de concordância verbal

1º Caso:

- Com a expressão “um dos que” o verbo ficará no singular e no plural. O plural é construção dominante.

Ex: Você é um dos que mais estuda. (estudam).

2º Caso

- Quando o sujeito for constituído das expressões “mais de”, “menos de”, “cerca de”, o verbo concordará com o numeral que segue as expressões.

Ex: Mais de uma pessoa protestou contra a lei.

Mais de vinte pessoas protestaram contra a lei.

Obs. : Com a expressão “mais de um” pode ocorrer o plural:

- Quando o verbo dá idéia de ação recíproca (troca de ações)

Ex: Mais de uma pessoa se abraçaram.

- Quando a expressão “mais de um” vem repetida.

Ex: Mais de um amigo, mais de um parente estavam presentes.

3º Caso

Se o pronome interrogativo ou definido estiver no singular, o verbo concordará com ele. Se esses pronomes estiverem no plural, o verbo concordará com ele ou com o pronome pessoal.

Ex: Qual de nós?

Alguns de nós.

Qual de nós viajará.

Quais de nós viajarão.

4º Caso

Quando o sujeito for um coletivo, o verbo ficará no singular.

Ex: A multidão gritava desesperadamente.

Obs.: Quando o coletivo vier seguido de um adjunto no plural, o verbo ficará no singular ou poderá ir para o plural.

Ex: A multidão de torcedores gritava (gritavam) desesperadamente.

5º caso

Quando o sujeito de um verbo for o pronome relativo “que”, o verbo concordará com o antecedente deste pronome.

Ex: Sou eu que pago.

6º Caso

Quando o sujeito de um verbo for o pronome relativo “quem”, o verbo concordará com o antecedente ou ficará na terceira pessoa do singular, concordando com o sujeito quem.

Ex: Sou eu quem pago. (paga)

7º Caso

Quando o sujeito for formado por nome próprio que só tem no plural, não antecipado de artigo., o verbo ficará no singular; se o nome próprio vier antecipado de artigo, o verbo irá para o plural.

Ex: Minas Gerais possui grandes fazendas.

Os Estados Unidos são uma nação poderosa.

8º caso

Os verbos impessoais ficam sempre na terceira pessoa do singular.

Ex: Faz 5 anos.

Havia crianças na fila.

Obs.: Também fica na terceira pessoa do singular o verbo auxiliar que se põe junto a um verbo impessoal formando uma locução verbal.

Ex: Deve haver crianças na fila.

9º Caso

Com os verbos “dar”, “bater”, “soar”, se aparecer o sujeito “relógio”, a concordância se fará com ele; se não aparecer com o sujeito “relógio”, a concordância se fará com o número de horas.

Ex: O relógio deu cinco horas.

Deram cinco horas no relógio.

10º Caso

Quando o sujeito for formado por um pronome de tratamento, o verbo irá sempre para a terceira pessoa.

Ex: Vossa Excelência leu meus relatório?

11º Caso

Quando “se” funcionar como partícula apassivadora, o verbo concordará normalmente com o sujeito da oração.

Ex: Pintou-se o carro.

Alugam-se casas.

12º Caso

Quando o “se” funcionar como índice de indeterminação do sujeito, o verbo ficará sempre na terceira pessoa do singular.

Ex: Precisa-se de Secretária.

13º Caso

O verbo parecer, seguido de infinitivo admite duas construções:

- Flexiona-se o verbo parecer e não se flexiona o infinitivo.
- Flexiona-se o infinitivo e não se flexiona o verbo parecer.

Ex: Os prédios parecem cair.

Os prédios parecem caírem.

As regras, expostas acima, são relevantes par a compreensão do tratamento dispensado pela Gramática Normativa á Concordância Verbal.

5 CORPUS DE ANÁLISE

5.1 A AMOSTRA

Esta pesquisa é formada por dados oriundos do corpus de CASSIQUE (2003\2004) com gravações da fala de 54 informantes, 27 homens e 27 mulheres, paraenses que residem em Belém, capital do estado do Pará. Essas gravações foram feitas a partir de relatos de vida dos informantes, perfazendo um total de 1620 minutos de gravação, sendo que cada entrevista possui um tempo aproximado de 30 minutos.

A escolha da comunidade lingüística de Belém se deve ao fato da carência de estudos sociolingüísticos, especificamente na área da sintaxe.

5.2 ESTRATIFICAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra foi estratificada de acordo com as seguintes características sociais: escolaridade, sexo, faixa etária e classe social. A critério de melhor entendimento, a seguir, essas características serão especificadas de forma detalhada.

a) Escolaridade

A escolaridade foi desmembrada em três aspectos:

1- Analfabeto : refere-se ao indivíduo que não frequentou a escola e não possui nenhum conhecimento acerca das práticas de leitura e escrita.

2- Ensino Fundamental: refere-se ao indivíduo que desenvolveu seus estudos até a oitava série do currículo escolar.

3- Ensino Médio: refere-se ao indivíduo que cursou as três séries do ensino médio do currículo escolar.

b) Faixa Etária

A faixa Etária foi desmembrada em três aspectos:

1- Indivíduos com faixa etária entre 15 e 25 anos

2- Indivíduos com faixa etária entre 26 a 45 anos

3- Indivíduos com faixa etária acima de 46 anos.

c) Sexo

Foram 54 informantes que forneceram os dados para esta pesquisa lingüística.

Sendo 27 do sexo feminino e 27 do sexo masculino.

Abaixo encontra-se uma tabela com uma amostra geral da amostra (Tabela 1).

Tabela 1 – Plano Geral da Amostra

| PLANO GERAL DA AMOSTRA | | | | |
|------------------------|-------------------------|-----------|-----------|-----------|
| Escolaridade | Idade | Sexo | | Total |
| | | F | M | |
| Analfabeto | 15 a 25 anos | 3 | 3 | 6 |
| | 26 a 45 anos | 3 | 3 | 6 |
| | Acima de 46 anos | 3 | 3 | 6 |
| Fundamental | 15 a 25 anos | 3 | 3 | 6 |
| | 26 a 45 anos | 3 | 3 | 6 |
| | Acima de 46 anos | 3 | 3 | 6 |
| Médio | 15 a 25 anos | 3 | 3 | 6 |
| | 26 a 45 anos | 3 | 3 | 6 |
| | Acima de 46 anos | 3 | 3 | 6 |
| Total | | 27 | 27 | 54 |

5.3 COLETA DOS DADOS

Nesta pesquisa lingüística, a coleta dos dados foi realizada a partir de gravações de falares espontâneos de 54 informantes moradores da cidade de Belém do Pará. Utilizando a estratégia da observação da fala através do contar de narrativas de vida dos entrevistados, buscou-se possibilitar ao falante um maior envolvimento com o que estava sendo narrado. Fato este que acreditamos promover uma maior espontaneidade no falar do entrevistado, visto que, não haverá uma preocupação excessiva com o que está sendo dito.

As entrevistas foram realizadas de forma individual, com duração mínima de 30 minutos cada.

Com o objetivo de atender ao postulado de Labov (1975), chamado Paradoxo do Observador, que consiste em desenvolver uma pesquisa lingüística obtendo dados da fala dos entrevistados quando estes não estiverem sendo sistematicamente observados, buscou-se criar uma situação de fala o mais natural possível para os entrevistados.

Esse procedimento atende ao princípio de procurar captar o que mais se aproxima do vernáculo “ O estilo em que uma atenção mínima é atribuída á monitoração da fala” (Freitas, 1996 apud Labov, 1975)

5.4 COLETA DE DADOS X PARADOXO DO OBSERVADOR

Labov (1972) definiu a língua falada no cotidiano como objeto de estudo da Sociolingüística. Fazendo referência a essa premissa, Tarallo (2002) advoga:

A língua falada é o vernáculo: a enunciação e a expressão dos fatos, proposições e idéias sem a preocupação de como enuncia-los. Trata-se, portanto, portanto do momento em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizados aqui como o vernáculo, constituem o material básico para uma análise sociolingüística.

Dessa forma, o pesquisador precisa coletar os dados nas situações reais de fala dos entrevistados. Contudo, nesse processo de recolha do material ocorre o que se denominou Paradoxo do Observador, que consiste na temática de como fazer o informante realizar uma fala espontânea com a presença do entrevistador.

Para minimizar essa dificuldade inevitável no momento das entrevistas, na coleta de dados foram utilizadas metodologias que vão ao encontro das postulações de Labov (1972), ao afirmar que uma forma de superar o paradoxo do observador consiste em utilizar técnicas que distraiam a tenção do discurso, para que isso ocorra o entrevistador poderá sugerir o entrevistado que fale sobre algo que tenha lhe causado fortes emoções. Dessa forma, para atingir o objetivo de maior espontaneidade na fala dos entrevistados, solicitou-se que os mesmos fizessem relatos de vida.

5.5 TRANSCRIÇÃO E DIGITAÇÃO DOS DADOS

A escrita utilizada para a transcrição das gravações foi a semi-fonética. Sendo que as transcrições respeitaram a sintaxe do falante, com o objetivo de reproduzir com fidelidade o que o informante havia falado.

Como o objeto de estudo dessa pesquisa lingüística é a realização da terceira pessoa do pretérito perfeito na fala de paraenses residentes em Belém, convencionou-se que durante as transcrições, quando ocorressem as formas verbais na terceira pessoa do plural do modo indicativo, as flexões dessas ocorrências seriam transcritas em caixa alta. Esse procedimento se fez necessário para uma melhor visualização do fenômeno em estudo. Conforme exemplos a seguir:

... passarUm um tempu artis di casá

JBaMB3

... começarAM a estuda

CBaFB3

... elis começarU a fala

TSeFA3

As entrevistas foram transcritas, de acordo com o grupo de força, onde a ocorrência do fenômeno em estudo era identificada. Os trechos destacados para transcrição foram aqueles em que ocorriam a realização das formas verbais regulares do pretérito perfeito do modo indicativo. Nessas realizações o sufixo flexional da terceira pessoa era representado por ditongo oral, ditongo nasal ou monotongo oral.

Após a transcrição das ocorrências, os dados obtidos foram digitados e codificados para possibilitar a interpretação pelo programa de análise de dados. Para um melhor entendimento da codificação utilizada nesse trabalho, explicitaremos a seguir, através de dados que fizeram parte do corpus de análise deste trabalho.

(cehnorvw57IKTMA3 162- us homens voltarU correndu)

Os códigos referentes a esses dados lingüísticos podem ser assim descritos: (c) este código se refere uma à variante (RU) da flexão das formas verbais na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do modo indicativo; (e) indica que o verbo pertence à segunda conjugação; (h) indica que o verbo ocupa posição medial no grupo de força; (n) indica que o verbo é trissílabo; (o) indica a presença de complemento; (r) indica que a tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte é átona; (v) indica a ocorrência de um monotongo oral; (w) indica que o verbo pertence ao pretérito perfeito; (5) indica que o verbo é paroxítono; (7) indica que o sujeito é formado por uma palavra com plural marcado; (l) indica que o contexto fonológico seguinte à forma verbal é uma consoante oral; (K) indica que o sujeito está mediamente anteposto ao verbo; (T) indica que o verbo é precedido de verbo com monotongo oral no sufixo flexional; (M) indica que o informante é do sexo masculino; (A) indica que o informante tem de 15 a 25 anos; (3) indica que o informante possui ensino médio; (162) número que o dado no arquivo de dados.

O arquivo de especificação possui as variantes da variável dependente e todos os fatores lingüísticos e não lingüísticos observados neste trabalho de investigação.

5.6 IDENTIFICAÇÃO DO FENÔMENO LINGÜÍSTICO

O sufixo flexional da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do modo indicativo representa a variável dependente objeto de estudo desta investigação. Como já foi citado anteriormente, essa variável dependente se manifesta através de três variantes representadas pelo monotongo oral, monotongo nasal e ditongo nasal, conforme os exemplos abaixo retirados do banco de dados deste trabalho:

| | |
|--|--------|
| ... elis começarU a fala | TSeFA3 |
| ... passarUm um tempo antes de si casa | JBaMB3 |
| ... nu outru dia voIatarAM | MAiFC3 |

Na identificação do fenômeno lingüístico em estudo, foram considerados os verbos regulares pertencentes à primeira, segunda e terceira conjugações. Contudo, no que se refere ao tempo verbal, somente foram considerados verbos pertencentes ao pretérito perfeito do modo indicativo.

A escolha específica do tempo verbal pretérito perfeito do indicativo ocorreu para propiciar uma investigação lingüística mais delimitada. Porém, julgamos de extrema relevância estudos lingüísticos desenvolvidos que abarquem todos os tempos e modos verbais. Como a pesquisa lingüística desenvolvida por Freitas (1996).

5.7 A COMUNIDADE LINGÜÍSTICA PESQUISADA



Figura 1 - Cidade de Belém do Pará.

A região onde Belém está situada era, há muitos anos, habitada pelos índios Tupinambás.

Belém foi fundada no dia 12 de janeiro de 1616, pelo capitão Francisco Caldeira Castelo Branco que, enviado pela coroa portuguesa pra defender o território contra as tentativas de conquista da França, Holanda e Inglaterra, ergueu o Forte do Presépio, hoje Forte do Castelo.

Inicialmente a cidade foi chamada de Feliz Lusitânia. Depois ainda foi chamada de Santa Maria do Grão Pará , até finalmente chegar à denominação atual de Belém.

Distanciada do resto do país e fortemente ligada a Portugal, Belém reconheceu a independência do Brasil somente em agosto de 1823, quase um ano depois da declaração.

Entre os anos de 1935 e 1940, Belém é palco da Revolta dos Cabanos(Cabanagem), revolta considerada de participação mais autenticamente popular da história do país.

Com o crescimento da importância da borracha (Seringueira – *Hevea brasiliensis*) que gerou o chamado ciclo da borracha, entre o final do séc. XIX e início do séc. XX, Belém atingiu grande importância comercial. Desta época datam as

construções como o Palácio Lauro Sodré, Colégio Gentil Bittencourt, Teatro da Paz, Palácio Antônio Lemos e o mercado Ver-o-Peso.

Santa Maria de Belém do Grão Pará, ou simplesmente Belém, é um cidade de gente hospitaleira e beleza única, sendo por isso considerada o portal da Amazônia. Ocupa uma área de 51.600 ha, onde mais da metade representam ilhas. Parte baixas da cidade e das ilhas são inundadas diariamente pelas águas das marés, enquanto as zonas mais altas alcançam no máximo 14 metros acima do nível do mar. Belém possui clima quente e úmido, com temperatura média de 26 graus celsius e umidade de 80 a 90% normalmente, e precipitação pluvial anual de 2500 a 3000 mm.. A estação chuvosa é dezembro/janeiro a maio e a seca de junho a novembro/dezembro.

No auge do ciclo da borracha quando imigrantes nordestinos aumentam sua população, Belém começa a assumir aspecto de grande capital, quando suas ruas erma calçadas com paralelepípedos importados de Portugal, surgiram os grandes prédios públicos, os serviços telegráficos através de cabos submarinos, a drenagem dos alagados do reduto e o sistema de iluminação a gás. O Teatro da Paz, hospitais, quartéis, cemitérios, todos resultaram da pujança da economia da borracha, mas os subúrbios periféricos surgiram até 1950 como simples aglomerados e o espaço rural quase que intocado, sendo fonte de extrativismo de lenha e carvão, e lugar para vivendas e retiros de famílias com poder.

Belém é rica em história, cultura e natureza, que pode ser vista de forma mais exuberante em cada uma de suas ilhas, verdadeiros paraísos ecológicos, que circundam a cidade.

Belém é rica em cores, temperos e sabores que podem ser sentidos em cada esquina, nas especialidades da culinária mais típica do Brasil, filha da natureza pródiga, da colonização portuguesa e das heranças indígena e africana.

Essa miscigenação racial e cultural também se faz presente no artesanato e folclore riquíssimos, um lado de uma cidade moderna em perfeita harmonia com a natureza, digna de uma metrópole.

No que se refere à economia, o aumento das universidades, indústrias, lojas, número de agências bancárias, na exploração do ecoturismo, na reforma e criação de novos pontos turísticos, percebe-se, claramente, que Belém está numa fase de desenvolvimento econômico. Esse desenvolvimento também é marcado pelo fluxo intenso de transportes fluviais, marítimos, rodoviários e aéreos, por onde escoam

produtos, principalmente extraídos de nossas reservas naturais como madeira, pimenta-do-reino, castanha-do pará, aa, bacuri, abacaxi, farinha e outros que têm aceitação tanto no mercado nacional quanto internacional.

Contudo, embora Belém esteja em pleno desenvolvimento, grande parte da população não desfruta dos benefícios oriundos desse desenvolvimento econmico, visto que, há ainda um grande número de pessoas que não usufruem das básicas condições de vida digna, como educação, saúde e habitação. Um dos dados que comprovam essa afirmativa são fornecidos pelo Censo 2000, que mostrou 46.008 pessoas analfabetas ou com menos de um ano de estudo na cidade de Belém.

Há em Belém 292 escolas de nível fundamental e 80 escolas de ensino médio responsáveis por 321.528 alunos matriculados (222.058 alunos no ensino fundamental e 99.470 alunos no ensino médio), dados fornecidos pelo INEP (Instituto de Pesquisas e Estudos Educacionais). Esses números revelam uma realidade na estrutura do ensino no Brasil, em que uma grande maioria entra nas séries iniciais, todavia, somente uma minoria conclui o ensino médio. Vários problemas de ordem econmica e social inviabilizam que grande parte da maioria da população que depende da rede pública de ensino prossiga seus estudos.

A SEMEC (Secretaria Municipal de Educação) constatou através de uma pesquisa que um significativo número de famílias na cidade de Belém, depende exclusivamente da aposentadoria de um dos membros da família. Ou seja, famílias suprem suas necessidades básicas com um slrio mínimo. Realidade esta que não difere do resto do Brasil.

Os fatores econmicos e sociais citados são de extrema relevância para o fenômeno em estudo nessa pesquisa lingstica. Tais exposições têm por intuito tmbm situar o leitor acerca da comunidade escolhida pra a coleta de dados.

5.8 METODOLOGIA

William Labov (1972) foi um dos precursores da Sociolingstica Quantitativa, modelo lingstico que pretende diagnosticar que toda variação é condicionada por fatores lingsticos e/ou não lingsticos. Como advoga Callou (1979):

Labov demonstrou, porém, que a variação não é livre: ela é determinada por fatores lingüísticos e não lingüísticos de forma predizível.

Os fatores que condicionam a variação podem ser interpretados através do método da Sociolingüística Quantitativa, por meio de programas elaborados especialmente para realizar cálculos estatísticos, como o VARBRUL. Esse processo computacional fornecerá pesos relativos, a partir desses dados quantitativos, o lingüista poderá saber, por exemplo, a probabilidade de uma certa variante se realizar.

Neste trabalho, baseados na Teoria da Variação, adotamos variáveis lingüísticas e não -lingüísticas que constituirão grupo de fatores que serão quantificados pelo programa computacional VARBRUL. Contudo, antes de iniciar esse tratamento estatístico, explicitaremos as variáveis lingüísticas e não lingüísticas utilizadas nessa pesquisa.

6 DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS

Inicialmente, buscou-se identificar no corpus a variável dependente, somatizaram-se 210 dados. Esse número de dados se deve à especificação da variável dependente em estudo “variação da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito”. Conforme postula Monteiro (2000):

Os dados da fala real são muito úteis e adequados para a análise das formas lingüísticas mais usuais. Todavia, o pesquisador poderá não encontrar aquilo que deseja, mesmo depois de ter ouvido horas seguidas de gravação, se as unidades pretendidas são de baixa freqüência. Caso decida realizar um estudo sobre a pronúncia de determinado fonema, este problema talvez não ocorra. Mas se a sua preocupação é com um tipo de estrutura sintática, é possível que ele perca um tempo enorme por colher somente uns poucos exemplos.

Neste trabalho, a variável dependente que será objeto de estudo dessa investigação configura-se na “variação da terceira pessoa do plural no pretérito perfeito”. Para que fosse comprovado que está ocorrendo uma mudança no sufixo flexional de terceira pessoa do plural do pretérito concluso na fala de paraenses residentes em Belém, transformação essa ilustrada através da substituição do ditongo nasal pelo monotongo oral, como elementos condicionadores dessa variável, foram considerados dezesseis (15) fatores, sendo treze (12) lingüísticos e três (3) não lingüísticos, que constituíram o arquivo de especificação do programa estatístico VARBRUL. Considerando que as realizações do sufixo flexional das formas verbais dependem de fatores fonéticos- fonológicos, morfológicos , morfossintáticos e discursivos, fixaram-se as seguintes variáveis lingüísticas independentes:

1-Conjugação Verbal

1.1- Primeira conjugação

1.2- Segunda conjugação

1.3- Terceira conjugação

2-Posição no grupo de força

2.1-Inicial

2.2- Medial

2.3- Final

3-Quantidade de sílabas das palavras

3.1- Monossílabo

3.2- Dissílabo

3.3- Trissílabo

3.4- Polissílabo

4- Presença ou ausência do complemento

4.1- Presença de complemento verbal ou adverbial

4.2- Ausência de complemento verbal ou adverbial

4.3- Verbo não nocional

5- Tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte

5.1- Átona

5.2- Tônica

6- Saliência Fônica

6.1- Ditongo oral

6.2- Ditongo Nasal

6.3- Monotongo Oral

6.4- Monotongo Nasal

7- Tempo das formas verbais

7.1- Presente do Indicativo

7.2- Pretérito perfeito

7.3- Pretérito imperfeito

8- Tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte à forma verbal analisada

8.1- Oxítono

8.2- Paroxítono

8.3- Proparoxítono

9- Marcas do sujeito

9.1- Sujeito formado por uma única palavra que se apresenta com plural marcado

9.2- Sujeito formado por várias palavras, sendo todas com plural marcado

9.3- Sujeito formado por várias palavras, sendo a última não marcada

10- Contexto fonológico seguinte à forma verbal analisada

10.1- Consoante nasal

10.2- Vogal nasal

10.3- Pausa

10.4- Consoante Oral

11-Posição do sujeito na oração que se encontra a forma verbal analisada

11.1- Sujeito imediatamente anteposto ao verbo

11.2- Sujeito mediatamente anteposto ao verbo

11.3- Sujeito oculto recuperado no discurso do entrevistador

11.4- Sujeito posposto ao verbo

11.5- sujeito indeterminado

12- Paralelismo formal do discurso

12.1- Verbo isolado ou da primeira série

12.2- Verbo precedido de verbo com ditongo nasal no sufixo flexional

12.3- Verbo precedido de verbo com monotongo nasal no sufixo flexional

12.4- Verbo precedido de monotongo oral no sufixo flexional

No que se refere às variáveis lingüísticas dependentes, foram estabelecidas as seguintes variáveis:

13-Sexo

13.1- Masculino

13.2- Feminino

14-Faixa Etária

14.1- 15 a 25 anos

14.2- 26 a 45 anos

14.3- acima de 45 anos

15-Escolaridade

15.1- Analfabeto

15.2- Fundamental

15.3- Médio

Este capítulo aborda as variáveis independentes acima citadas, discorrendo acerca da influência das mesmas pra a ocorrência do fenômeno estudado nesta pesquisa lingüística. Para que se alcance um parecer conclusivo sobre a variação lingüística em estudo, teremos como suporte as análises estatísticas computadas pelo Varbrul. As demais variáveis serão abordadas no capítulo VII.

6.1 CONJUGAÇÃO VERBAL

Sabe-se que o Verbo é uma classe gramatical com uma abrangente capacidade flexional. O conjunto dessas flexões possibilita a formação das conjugações. De acordo com a gramática normativa, observando-se a vogal temática que compõe o tema verbal, há três conjugações nas quais os verbos estão distribuídos, conforme tabela a seguir:

Tabela 2 – Conjugação Verbal

| Vogal temática | Conjugação |
|----------------|---------------------|
| -a | Primeira Conjugação |
| -e | Segunda Conjugação |
| -i | Terceira Conjugação |

É relevante salientar, como já havia observado Mattoso (1988), nota-se que a terceira a segunda e a terceira conjugações tem em comum a vogal temática –i- no pretérito imperfeito do indicativo (/faz-i-ãw/; /owv-i-ãw /). Esta neutralização anula a distinção entre estas duas conjugações, que também têm em comum, no pretérito imperfeito do indicativo, o sufixo modo-temporal -ia.

No presente trabalho, os verbos que compõe o banco de dados par análise pertencem somente ao grupo dos verbos regulares. Para a Gramática Normativa, conjugar um verbo é, em termos gramaticais, dispor organizadamente todas as

formas que pode assumir ao ser flexionado. Isto implica a exposição dos diversos tempos e modos de acordo com uma ordem convencionada. (INFANTE, 2001)

De acordo com os grupos de flexões afins, os verbos da língua portuguesa podem ser divididos em três conjugações. Dessa forma, há um paradigma que indica as formas a serem assumidas pelas flexões verbais. Logo, Verbos Regulares são os verbos que obedecem precisamente as paradigma da respectiva conjugação.

Alguns exemplos da ocorrência de verbos regulares do corpus desta pesquisa são mencionados abaixo:

1. Verbos Regulares da Primeira Conjugação

Meus filhu estudarU... (MBaM1C)

As pessoas não pensAM.... (LSPbFB2)

2- Verbos Regulares da Segunda Conjugação

Também mi prometerU uma vaga agora pro dia vinti.... (JaiFC1)

Us católicu nun comI carni....(JSo!MA)

3- Verbos Regulares da Terceira Conjugação

O pai e a mãe consumi e deixa dentro de casa...(JPe1MB)

6.2 POSIÇÃO NO GRUPO DE FORÇA

Segundo Paul Passy (apud Mattoso, 2002), grupo de força pode ser considerado uma seqüência de vocábulos sem pausa. Nesse sentido, a variável grupo de força foi considerada relevante porque se configura como aspecto importante para observar se o fenômeno da variação na terceira pessoa ocorre em posição inicial, medial ou final dentro do grupo de força. A importância dessa observação já fora mencionado nos estudos desenvolvidos por FORO (2005) .

6.3 QUANTIDADE DE SÍLABAS DAS PALAVRAS

Esse grupo de fatores busca identificar se a quantidade de sílabas do vocábulo pode influenciar na marcação da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito, visto que se intui que o falante ao pronunciar um verbo na terceira pessoa do plural pode se deixar influenciar pela quantidade de sílabas desse vocábulo. Ou seja, buscar-se á observar se quanto maior a palavra, maiores as possibilidades de ocorrer a marcação de plural nos verbos regulares na terceira pessoa do plural.

A partir dos dados desta pesquisa, abaixo estão relacionados alguns verbos dispostos de acordo a quantidade de sílabas. É relevante postular que como estão sendo analisados verbos regulares na terceira pessoa do plural, no corpus desta pesquisa não foram encontrados ocorrências de verbos monossílabos e dissílabos, somente verbos trissílabos e polissílabos, como nos exemplos abaixo extraídos do corpus de análise:

a) Trissílabos:

| | |
|-------------------------------|--------|
| As pessoa qui nus pararU | JPeMA2 |
| Us pessual adorarum esse sucu | MGoMC2 |

b) Polissílabos:

| | |
|--|--------|
| Por ser em certos momentos pessoas que influenciarUM negativamente | JPeHC2 |
| Já é outras brigas que elis conviverU dentro de casa | Eca1FB |

6.3 PRESENÇA OU AUSÊNCIA DE COMPLEMENTO

A escolha dessa variável lingüística tem por fundamento a investigação da influência do complemento na realização do sufixo flexional nas formas verbais na terceira pessoa do plural do modo indicativo. Três fatores foram estabelecidos para

essa variável: 1- Presença de complemento verbal ou adverbial; 2- Ausência de complemento verbal ou adverbial; 3- verbo não nocional.

6.4 SALIÊNCIA FÔNICA

Nossa pesquisa lingüística aborda a variação na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito na fala de paraenses residentes em Belém, para um estudo mais dirigido da análise desse fenômeno, elegeu-se a variável lingüística Saliência fônica para verificar qual a influência da mesma no fenômeno em estudo.

FREITAS (1996) assevera que há estudos sobre a variação lingüística no português do Brasil que apontam a saliência fônica como uma variável estrutural que determina o tipo de concordância entre o verbo e o sujeito.

Lemle&Naro (1977) e Naro (1981) foram os introdutores do princípio da saliência fônica para explicar o funcionamento sincrônico do português brasileiro. Segundo este princípio as formas mais salientes são as mais perceptíveis e conseqüentemente mais marcadas.

Naro (1981) estabeleceu dois critérios no que se refere à saliência fônica:

- I- Presença ou ausência do acento na desinência
- II- Quantidade de material fônico que diferencia a forma do singular da forma do plural.

No que se refere à presença ou ausência da desinência, Naro classificou os verbos em dois níveis.

Nível 1= Encontram-se os pares cujos segmentos fonéticos que fazem a distinção entre singular e plural não estão acentuados.

Nível 2= É pautado pela característica de que pelo menos em um membro, o segmento fônico que estabelece a oposição é acentuado.

O Nível 1 é subdividido em três fatores:

Nível 1.1- Não ocorre mudança na qualidade da vogal na forma plural e o plural pode ser marcado somente pela nasalização:

Quando foi uma vez as pessoas me chamarAM pra ver SSA1FB

Nível 1.2- Há mudança na qualidade da vogal na forma plural:

...de pessoas que já andarAM e não é mentira Rsa1MA

... brigarUM muito DPe1MA

...assaltarUm novi hora JPe1MB

Nível 1.3- Há acréscimo de segmento na forma plural:

Não há ocorrências deste nível no corpus desta pesquisa.

O Nível 2 divide-se em três fatores:

2.1- Muda a qualidade da vogal na forma plural

2.2- Envolve o acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural

2.3- Há acréscimo de segmentos e mudanças diversas na forma plural.

6.5 TEMPO DAS FORMAS VERBAIS

Com o intuito de observar com mais precisão as diversas variantes do sufixo flexional da terceira pessoa do plural dos verbos regulares no pretérito perfeito do indicativo, elegeu-se o tempo do verbo como uma das variáveis dependentes, sendo que nessa pesquisa, especificamente, será focalizado o aspecto morfológico das formas verbais da terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo.

Antes de qualquer consideração acerca do tempo verbal, torna-se necessário fazer referência às postulações de Mattoso. (1988) que representa a constituição morfológica do verbo regular em português, através da seguinte fórmula:

$$T (R + VT) + SF (SMT + SNP)$$

Para a compreensão de tal fórmula, o autor considera:

T (R+VT) = Tema do verbo (T) é formado pelo radical (R) mais a vogal temática.

SF (SMT + SNP) = Sufixo Flexional (SF) é formado pelo sufixo modo temporal (SMT) e o sufixo número pessoal (SNP).

Neste trabalho de pesquisa não consideraremos os verbos irregulares que segundo Câmara Jr. São verbos que embora seguindo um desvio do padrão geral morfológico, também são suscetíveis de padronização.

Como nossa pesquisa lingüística abordará exclusivamente verbos regulares, consideraremos o conceito de verbos regulares proposto por Câmara Jr. que afirma a característica dos verbos regulares seguirem o padrão geral, ou seja, o radical é invariável e os sufixos flexionais podem ter a marca zero em algumas formas verbais.

No que se refere à terceira pessoa do plural do presente do indicativo, Mattoso salienta uma diferença no tema desses verbos, diferença esta estabelecida no que se refere à vogal temática. Explicando a consideração anterior, geralmente, nos verbos portugueses, a vogal temática é tônica. Contudo, o tema da terceira pessoa do plural dos verbos no presente do indicativo apresenta vogal temática átona. Nos verbos de segunda e terceira conjugações há neutralização da oposição entre /e/ e /i/ (/viv-e-N, divid-e-**N**). No presente do indicativo a vogal temática é marcada pelo alomorfe zero (/fal- ø –eN, viv-ø- aN/) devido à lei fonológica geral de que o acréscimo de um novo constituinte que comece ou seja formado por uma vogal leva à supressão da vogal átona final (/fala + eN = /faleN, vive + aN = /vivaN/, dividi + aN = /dividaN /) (Câmara Jr, 2000).

No modo indicativo, o sufixo flexional número pessoal da terceira pessoa é /N/, com alomorfe /uN/ diante de a, sendo ambos representados na escrita por –m, exceto no futuro do presente do modo indicativo. Os sufixos modo temporais no indicativo são: zero para o presente; -va- para o pretérito imperfeito da primeira conjugação; -ia- pra segunda e terceiras conjugações, existindo fusão da vogal temática neutralizada com a vogal inicial do sufixo modo-temporal; -ra- para o pretérito perfeito.

Quanto aos sufixos modo-temporais no Modo Subjuntivo, o mesmo autor descreve os seguintes sufixos: -e- e -a- para a segunda e terceira conjugação; -re- para o futuro do subjuntivo e –re- para o infinitivo.

Para intuito de melhor visualização do que foi descrito anteriormente, demonstraremos através de uma tabela os elementos mórficos citados anteriormente. Haverá o registro das formas verbais regulares. E, por apresentarem o mesmo aspecto formal, o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal aparecem reunidos em um só grupo.

Tabela 3 - Elementos mórficos da variante padrão dos verbos regulares na terceira pessoa do plural segundo Câmara Jr.

| Tempo e modo do Verbo | Radical | Vogal Temática | Sufixo Modo-Temporal | Sufixo Número-Pessoal |
|------------------------------|------------------------|-----------------------|-----------------------------|------------------------------|
| Presente do Indicativo | fal- viv- divid- | -a- -e- -e- | ∅ | -N ~ um |
| Perfeito do Indicativo | fal- viv- divid- | -a- -e- -i- | -ra- | -N ~ um |
| Imperfeito do Indicativo | fal- viv- divid- | -a- ∅ ∅ | -va- -ia- -ia- | -N ~um |
| Presente do Subjuntivo | fal- viv- divid- | ∅ | -e- -a- -a- | -N |

6.6 TONICIDADE DA FORMA VERBAL ANALISADA

Nosso objetivo com o estudo dessa variável é investigar qual a influência da tonicidade da forma verbal em estudo nesse trabalho para a escolha das variantes da variável dependente que avaliamos.

Para tal, os verbos foram distribuídos em três categorias: oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos.

6.7 TONICIDADE DA SÍLABA SEGUINTE À FORMA VERBAL ANALISADA

A tonicidade da sílaba inicial dos vocábulos que seguem as formas verbais foi estabelecido com uma das variáveis lingüísticas desta pesquisa devido ao fato de se achar pertinente investigar qual a influência do contexto seguinte na realização das variantes do sufixo flexional das formas verbais da terceira pessoa do plural.

Nesse processo de investigação estabeleceram-se duas ocorrências: vocábulo seguinte iniciado por sílaba átona e vocábulo seguinte iniciado por sílaba tônica.

Nas formas verbais oxítonas, a presença do sufixo flexional na terceira pessoa do plural é bastante recorrente. Todavia, nas formas verbais proparoxítonas, podem ocorrer as seguintes variantes:

1- Variante com monotongo oral:

... todos gostarU de mim

MRo1FA

2- Variante com monotongo nasal

... assaltarUM novi hora

JPe1MB

3- Variante com ditongo nasal

... as minhas tatuagens acabarAM sumindo todas

JFI2HA

De acordo com o que foi exposto acima, decidiu-se investigar qual a influência da sílaba seguinte na realização da terceira pessoa do plural, ou seja, verificar se a tonicidade da sílaba seguinte á forma verbal tem alguma influência para a ocorrência na escolha das variantes citadas.

6.8 POSIÇÃO DO SUJEITO EM QUE SE ENCONTRA A FORMA VERBAL ANALISADA

A escolha dessa variável parte do princípio de se buscar avaliar qual a influência da posição do sujeito na escolha das variantes da variável em estudo nesta pesquisa lingüística.

Neste trabalho, utilizaremos os mesmos fatores já utilizados anteriormente por Naro (1981), Guy (1981) e Freitas (1996) : 1- sujeito imediatamente anteposto ao verbo; 2- sujeito mediatamente anteposto ao verbo; 3- sujeito oculto recuperado no discurso do falante; 4- sujeito oculto; 5- sujeito posposto ao verbo.

Nosso principal objetivo na observação dessa variável é investigar se a posição do sujeito em relação à realização da terceira pessoa do plural interfere na realização da concordância verbal na terceira pessoa. Como nossa pesquisa aborda a concordância na terceira pessoa do plural, verificaremos a influência dessa variável na escolha das variantes do fenômeno em estudo pelo falante.

6.9 CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE À FORMA VERBAL ANALISADA

Votre (1978) e GuY (1981) e Freitas (1996) estabeleceram esta variável nos seus estudos.

Na investigação da desnasalização no português do Brasil, Naro e Guy chegaram a duas conclusões. Naro (1978) concluiu que o contexto fonológico seguinte representado por pausa e consoante favorece a preservação da nasal. Guy (1981) observou que se o contexto fonológico seguinte for representado por vogal e consoantes orais, as nasais finais são apagadas com mais facilidade. Se o contexto fonológico seguinte for uma pausa, Guy concluiu que nesse contexto fonológico a influência para a retenção ou apagamento da nasal é inexpressiva. Se o contexto fonológico seguinte for uma vogal, a desnasalização ocorre com mais freqüência e com menos freqüência se o contexto fonológico seguinte for uma consoante oral. A

desanalização ocorre com mais freqüência também antes de vogal nasal do que antes de consoante nasal.

Convém lembrar que Votre (1978) e Guy (1981) utilizaram esses fatores na investigação da interferência dos mesmos no fenômeno da retenção ou apagamento da nasalidade da sílaba final das formas verbais. Freitas (1996) investigou o fenômeno da variação na terceira pessoa do plural. Na sua investigação também se apropriou dessa variável para avaliar a influência da mesma para a ocorrência da realização do sufixo flexional das formas verbais na terceira pessoa do plural.

Em nossa pesquisa lingüística, observaremos se o contexto fonológico seguinte à realização da variável em estudo será representado por: vogal oral, vogal nasal, consoante oral, consoante nasal ou pausa. Buscaremos assim investigar qual a influência do contexto fonológico seguinte na realização do fenômeno em estudo nessa pesquisa.

6.10 PARALELISMO FORMAL DO DISCURSO

Segundo Scherre (1996) :

A própria repetição das diversas realizações ou variantes de uma mesma variável dependente no discurso tem se evidenciado como uma restrição importante nos estudos dos fenômenos lingüísticos variáveis diversos em línguas diversas. Esta restrição ou variável independente, que ocorre no interior do sintagma(plano sintagmático), no interior da oração (plano oracional) e entre cláusulas (plano discursivo), tem recebido denominações diferenciadas, sendo hoje conhecida na literatura variacionista como **paralelismo**.

No nível oracional, a primeira referência ao paralelismo foi feita por Plopack (1978), no nível discursivo, a primeira referência deve ser atribuída a Weiner e Labov (1977). No Brasil, a primeira referência ao paralelismo , no nível discursivo e na fala de uma mesma pessoa foi feita por Omena (1978). Emmerich (1977) realizou um estudo sobre a concordância do sujeito da primeira pessoa e o verbo no português de contato do Alto Xingu.

Desde 1986, os pesquisadores do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua, de forma direta ou indireta, reportam-se ao paralelismo nos seus trabalhos, tanto no plano oracional como no plano discursivo.

6.11- VARIÁVEIS NÃO-LINGÜÍSTICAS:

Nessa pesquisa lingüística, intuímos que a variável dependente possa, também, ser explicada, a partir de três (3) variáveis sociais, constituindo também grupo de fatores de nosso arquivo de especificação. São elas:

- 1 - Sexo: feminino e masculino.
- 2 - Faixa etária: 15 a 25 anos, 26 a 45 anos e 46 anos em diante.
- 3 - Escolaridade: analfabeto, fundamental, ensino médio.

6.11.1 Sexo

Os estudos desenvolvidos por Scherre (1988) apontam para o fato de as mulheres serem usuárias da norma padrão da Língua Portuguesa.

Os estudos desenvolvidos por Paiva (2003), concluem que as mulheres tendem a realizar com mais freqüência as variantes de prestígio e demonstram maior suscetibilidade ao uso de formas lingüísticas de maior valor social. Os estudos demonstram, ainda, que as escolhas lingüísticas femininas são também influenciadas pela estrutura social em que elas estão inseridas. Assim, nas sociedades em que as mulheres não desempenham um papel na tomada das decisões, a opção pelo uso das variantes que se enquadrem nas normas de comportamento lingüístico são mais evidentes. Contudo, nas sociedades em que as mulheres desempenham papel ativo, o favorecimento às mudanças se torna mais presente. Conforma assevera Paiva (2003, p.40)

A maior consciência feminina ao status social das formas lingüísticas pode ser também ao maior formalismo associado aos papéis femininos e ao fato de a posição da mulher na sociedade estar menos assegurada do que a do homem. Tal formalismo, transferido para as situações interacionais

vivenciadas pela mulher, se traduz na necessidade de resguardar a face e de manifestar um comportamento que garanta sua aceitação social.

Diante de tais postulações, consideramos a variável sexo como um grupo de fatores favorável à variação do fenômeno em estudo.

6.11.2 Faixa Etária

Labov (1983) advoga que a faixa etária poderia mostrar a ocorrência de uma mudança em curso ou uma variação estável.

Naro (1981) propõe que os falantes adultos tendem a preferir as formas mais antigas, contudo essa opção não chega a comprometer a comunicação.

Kemp (1979 apud Sankoff & Cedergren 1981) assevera, que homens e mulheres falam de forma diferenciada dependendo da faixa etária em que se encontram.

Acredita-se que os mais velhos estejam mais propensos a utilizar as formas mais antigas. Contudo, não se pode deixar de relacionar a faixa etária com o contexto social em que os falantes estão inseridos. Visto que, em sociedades onde a comunidade lingüística é mais urbana, os jovens tendem a se desprender do uso das formas tradicionais. Todavia, nas comunidades mais rurais, os adultos tendem a impor suas formas mais antigas, sendo que os jovens assimilam essas formas por realizarem interações verbais que não sofrem pressões advindas da escola.

Após, as considerações citadas, consideramos a variável faixa etária como um grupo de fatores que pode influenciar a variação flexional das formas verbais na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito.

6.11.3 Escolaridade

A escola, enquanto agente que prescreve a gramática normativa, acaba se portando como um agente fomentador do preconceito lingüístico. Isso porque, ao ditar os padrões do certo e errado, contribui para a estigmatização de determinadas formas lingüísticas. Dessa forma, a escola exerce papel significativo nas escolhas lingüísticas de das comunidades. Sendo que, na fala de homens e mulheres, de acordo com seu grau de escolaridade, certas marcas que não se enquadram na norma culta da língua tendem a desaparecer.

Votre (2003) atribui à escola características de um elemento social preservador do uso das formas postuladas pela norma culta da língua. Consideramos, dessa forma, a variável escolaridade como um grupo de fatores que influenciam o fenômeno em estudo nesse trabalho.

6.12 ANÁLISE QUANTITATIVA

A análise dos dados de nossa pesquisa lingüística tiveram tratamento estatístico segundo o Programa Computacional VARBRUL. Este programa logístico analisa os dados quantificando a importância de cada fator em relação à variável dependente, selecionando o grupo de fatores mais significativos.

Na primeira rodada do VARBRUL são observados todos os grupos de fatores. Somente , em seguida, o programa informa quais são os grupos de fatores mais significativos para a ocorrência do fenômeno em estudo. Efetua-se , então, a eliminação dos “*Knockouts*” presentes nos dados. Os “*Knockouts*” são aqueles fatores que apresentam grande número de zero, dessa forma, não apresentando frequência suficiente para serem quantificados como fatores de seu grupo.

Assim que os “*Knockouts*” são eliminados, inicia-se a segunda rodada do VARBRUL, onde serão reconhecidos os grupos de fatores mais importantes. Após esse reconhecimento, cada fator é analisado separadamente, nesse processo, identifica-se a frequência e o peso relativo diante da ocorrência da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito.

Posteriormente são feitos os cruzamentos entre as variáveis **Sexo x Tonicidade do vocábulo inicial da sílaba seguinte**. E também foi feito o

cruzamento entre as variáveis **Sexo x paralelismo formal do discurso**. Estes cruzamentos foram de fundamental importância para nossa análise, porque nos permitiu descrever mais detalhadamente a influência das variáveis **Sexo, Tonicidade do vocábulo inicial da sílaba seguinte e Paralelismo formal do discurso** no fenômeno da concordância da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito na fala de paraenses residentes em Belém.

7 ANÁLISE DOS DADOS

Convencionou-se dividir esse capítulo em duas etapas. Na etapa inicial, serão expostos os grupos de fatores controlados e que foram selecionados pelo VARBRUL., seguindo um critério de ordem de relevância. Posteriormente, será feita a análise de cada grupo desses fatores. Na segunda etapa, foram feitos alguns cruzamentos entre as variáveis. Esse procedimento se fez necessário para obtenção de uma interpretação mais eficiente dos resultados.

7.1 ETAPA 1: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nessa etapa, os dados serão tratados a partir do controle de variáveis independentes. O objetivo central consiste em avaliar a influência de cada grupo de fatores na realização da terceira pessoa do plural do pretérito concluso do modo Indicativo na fala de paraenses residentes em Belém.

A seguir, serão especificados os grupos de fatores controlados e que foram selecionados pelo VARBRUL:

- 1º Conjugação Verbal
- 2º Tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte
- 3º Contexto fonológico seguinte à forma verbal
- 4º Paralelismo formal do discurso
- 5º Sexo
- 6º Idade

7.2 FATORES EXCLUÍDOS:

As variáveis lingüísticas que não foram escolhidas pelo pacote estatístico são: Posição no grupo de força, Quantidade de sílaba das palavras, Presença ou ausência de Complemento, Marcas do Sujeito, Posição da oração em que se encontra a forma verbal analisada; e a variável social foi: Escolaridade.

7.3 ANÁLISE DA VARIÁVEL DEPENDENTE

Soares (1996) afirma que a língua não é homogênea e uniforme, sendo que essa diferenciação lingüística pode se dar tanto nos níveis fonológico, lexical e sintático. Neste trabalho, a variação em estudo dar-se-á no plano sintático.

Partindo do pressuposto de que a língua falada é heterogênea e diversificada, contudo, essa heterogeneidade é passível de sistematização, elegemos por Variável Dependente nessa pesquisa lingüística “A concordância da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do modo indicativo”. Com o intuito de sistematizar esse fenômeno em estudo, propôs-se as variantes dessa variável (- ram, -rum, -ru , -zimento da marcação de número).

Segundo Tarallo (2000, p.8):

... variantes lingüísticas são portanto diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes, dá-se o nome de variável lingüística.

Após análise do VARBRUL, os dados não mostraram a existência do fator zimento da marcação de plural.

Os dados demonstram que na comunidade lingüística de Belém, a ocorrência de marcação da terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo é um fenômeno cuja freqüência é maior na variante desnasalada, mas a maior significância localiza-

se na forma **-ram**, forma essa correspondente ao uso preconizado pela norma culta da língua portuguesa.

Observa-se que o uso da variante **-ru** é maior, contudo a significância de **-ram** norteou essa análise. Torna-se relevante ressaltar que o fator **-ru** mantém um peso relativo considerável em análises trinomiais, não é o maior, mas passa da média que seria .333.

O processo sugere uma mudança que se inicia na forma **-ram**, nasalada, passa para a forma **-rum**, também nasalada e, na língua popular avança para a desnasalada **-ru**.

A análise trinomial acusa as considerações expostas anteriormante:

Tabela 4 – Variável Dependente

| FATOR | Percentual | Peso relativo |
|-------|------------|---------------|
| - RAM | 14% | .510 |
| - RU | 67% | .344 |
| - RUM | 19% | .146 |

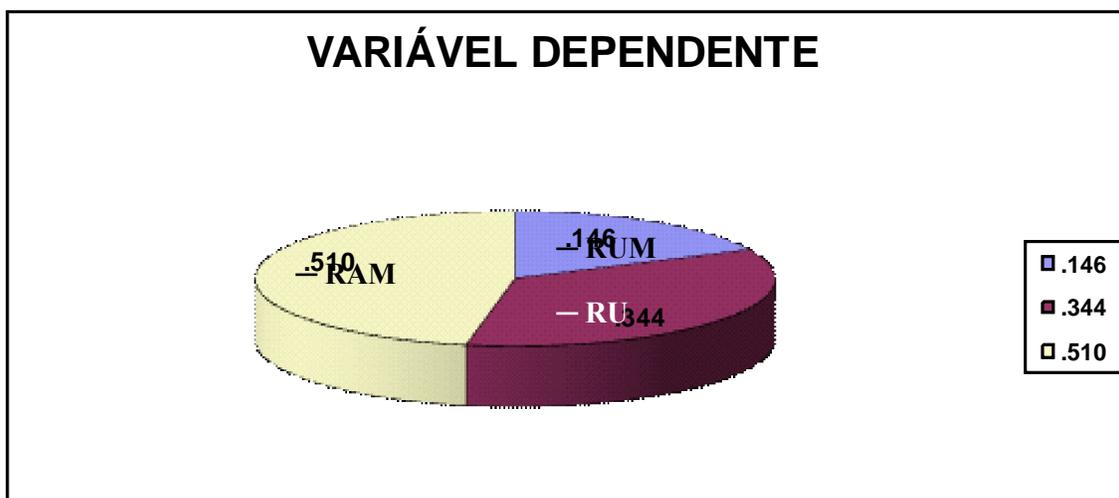


Figura 2 – Variável dependente

7.4 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS NÃO-LINGÜÍSTICAS

A partir de agora examinam-se as variáveis independentes, ou grupos de fatores que, acredita-se, explicam a variável dependente. Considerando a variante de maior significância, as interpretações se voltam para os resultados inerentes à forma **–ram**.

7.4.1 Conjugação Verbal

Esta variável foi selecionada na primeira rodada do VARBRUL como a mais significativa. Esses são os resultados:

Tabela 5 – Conjugação Verbal

| FATOR | Aplicação / Total | Percentual | Peso relativo |
|-----------|-------------------|------------|---------------|
| 3ª. Conj. | 22 / 165 | 13% | .522 |
| 2ª. Conj. | 4 / 19 | 21% | .369 |
| 1ª. Conj. | 4 / 36 | 13% | .121 |

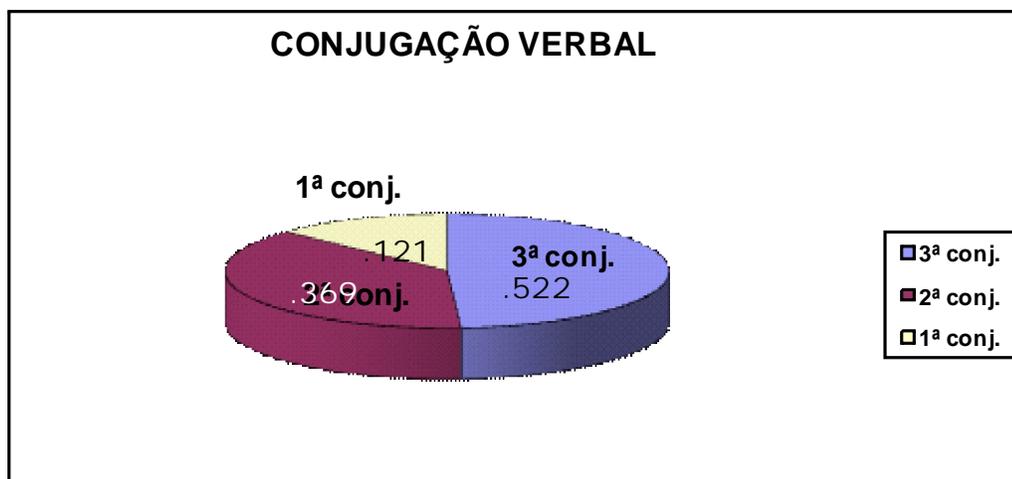


Figura 3 – Conjugação Verbal

A análise dos dados nos permite concluir que a terceira conjugação é a que mais favorece a ocorrência de **-ram**, com peso relativo considerado em análises trinomiais **.522**, em seguida tem-se a segunda conjugação, com importância mediana **.369**, e sem maior significância a primeira conjugação **.121**.

Torna-se fundamental atentar para o fato de que, à medida que a altura da vogal núcleo da marca de pessoa **-ram** se distancia, em termos de elevação da língua, a altura da vogal marcadora de conjugação, a ocorrência de **-ram** fica favorecida. Assim, a vogal temática “i” favorece **-ram** mais que a vogal temática “e”, que favorece mais que a vogal temática “a”.

Pode-se afirmar, então, que está ocorrendo um processo de dissimilação que está na base dessa interferência da vogal temática do verbo, de modo que, quanto mais distante uma da outra, mais favorecida aquela que está sendo considerada

7.4.2- Tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte

Observemos a Tabela 6.

Tabela 6 – Tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte

| FATOR | Aplicação / Total | Percentual | Peso relativo |
|------------------------------|----------------------|------------|---------------|
| Sem vocábulo seguinte | 11 / 42 | 26% | .997 |
| ÀTONA | 13 / 132 | 13% | .030 |
| TÔNICA | 1 / 37 | 3% | .997 |

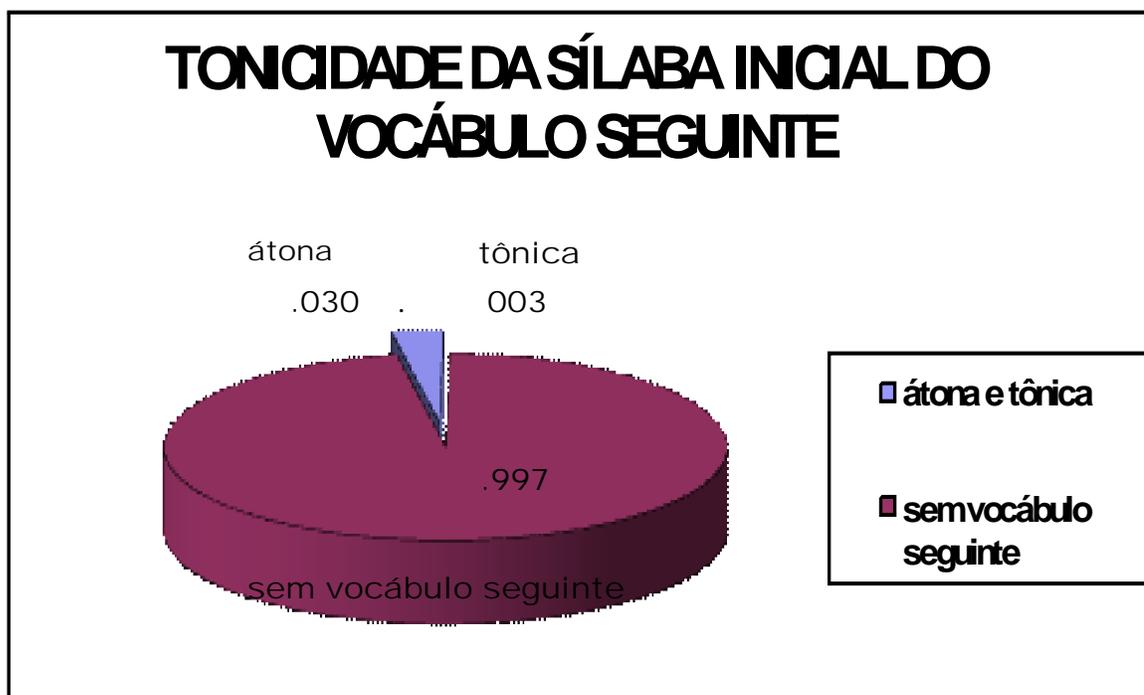


Figura 4: Tonicidade da sílaba do vocábulo seguinte

Os dados obtidos nos permitem concluir que a ocorrência da variante **-ram** está diretamente ligada a ambientes fonéticos de menor confronto com maior força expiratória associada a elevação de voz. Trata-se de uma regra variável travada pelo acento primário. Assim, se lhe segue o silêncio, representado pela ausência de qualquer vocábulo, ou um vocábulo iniciado por sílaba átona, a forma padrão se realiza quase que categoricamente. Os vocábulos iniciados por sílaba tônica inibem quase que em 100% a regra em exame.

7.4.3 Contexto fonológico seguinte à forma verbal

A juntura ou ligação favorece a ocorrência de **-ram**. A pausa ou distanciamento elocutivo, entre o verbo e o vocábulo seguinte trava a regra variável. A maior significância para consoante oral, no início do vocábulo seguinte, sugere

que outra dissimilação se apresente neste contexto (+nasal / -nasal). Segue a tabela 7.

Tabela 7 - Contexto fonológico seguinte à forma verbal

| FATOR | Aplicação / Total | Percentual | Peso relativo |
|-----------------|-------------------|------------|---------------|
| Consoante oral | 7 / 63 | 11% | .861 |
| Vogal oral | 6 / 55 | 11% | .792 |
| Consoante nasal | 5 / 32 | 16% | .669 |
| Pausa | 9 / 42 | 21% | .000 |

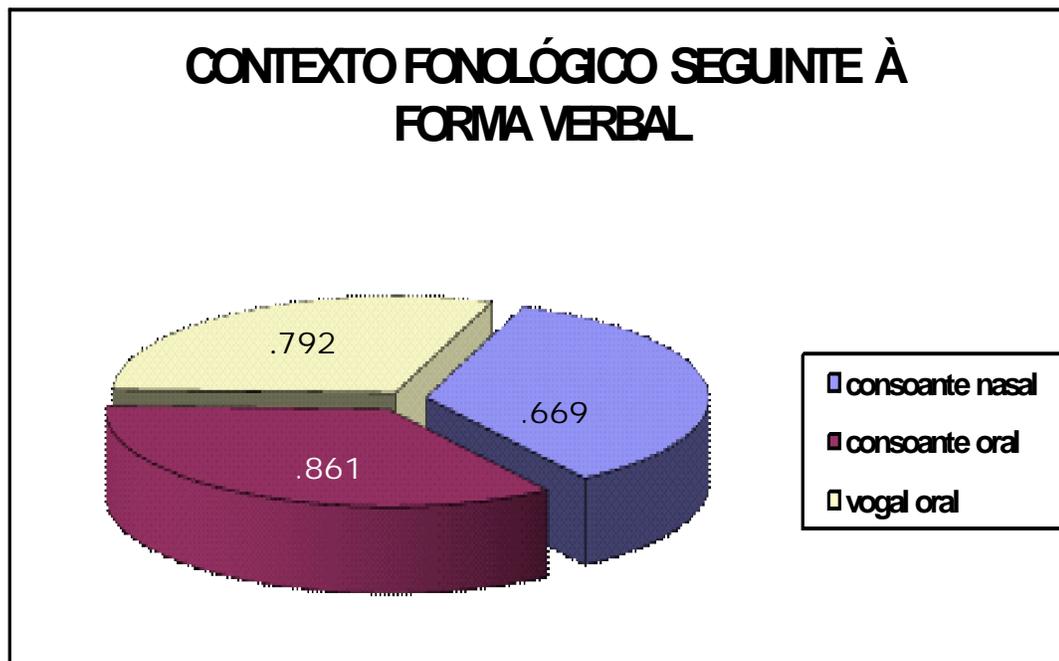


Figura 5 - Contexto Fonológico seguinte à forma verbal

7.4.5 Paralelismo Formal do Discurso

Um paralelismo formal se apresenta nítido quando o verbo cujo marcador terminal de terceira pessoa está sendo considerado, no português de Belém, se esse verbo é precedido de ditongo nasal, há o favorecimento do uso padrão. De um lado, por se tratar de ditongo e de outro por se tratar de estrutura nasalizada em ambos os casos. Conforme a tabela 8:

Tabela 8 - Paralelismo Formal do Discurso

| FATOR | Aplicação / Total | Percentual | Peso relativo |
|--|-------------------|------------|---------------|
| Verbo precedido de verbo com ditongo nasal | 12 / 20 | 60% | .637 |
| Verbo isolado | 6 / 53 | 11% | .344 |
| Verbo precedido de verbo com monotongo nasal | 4 / 22 | 18% | .255 |
| Verbo precedido de verbo com monotongo oral | 5 / 97 | 5% | .092 |

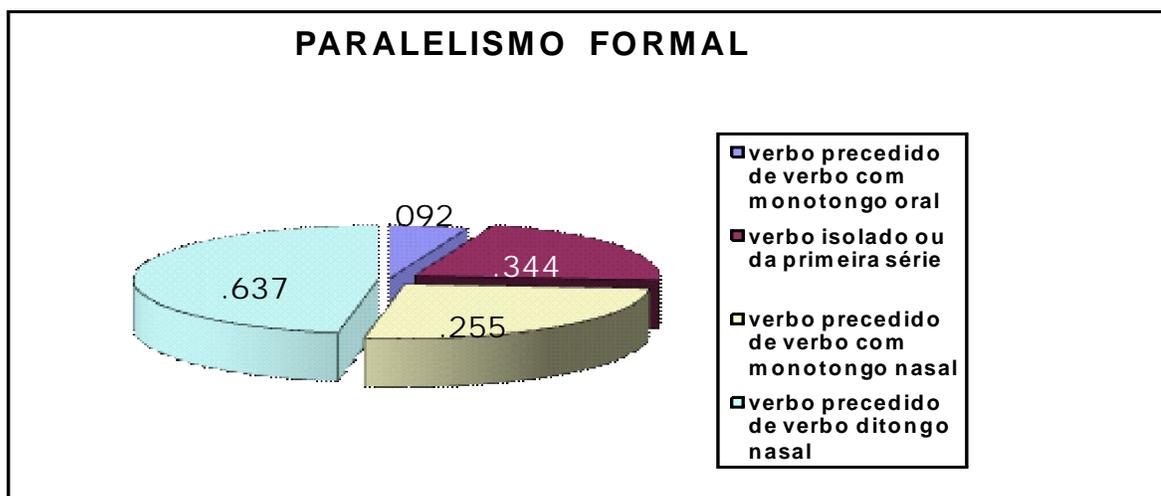


Figura 6 - Paralelismo Formal

7.4.6 Sexo

Segundo Paiva (2003) “ as diferenças mais evidentes entre homens e mulheres se encontram no plano lexical”. Em algumas sociedades a diferença na fala entre homens e mulheres é tão marcante que ocorre um vocabulário distinto para homens e outro vocabulário para mulheres.

Em um estudo intitulado “ Influências sociais no estudo de variantes lingüísticas”, Fischer (1958, apud Mollica, 1992), constatou que as formas de maior prestígio são mais utilizadas pelos homens do que pelas mulheres.

Diversos estudos na área da Sociolingüística Quantitativa corroboram para a comprovação das asseverações de Fischer. Observa-se que as mulheres desempenham com mais freqüência a forma padrão do que os homens. Esse fato é devido aos padrões impostos pela sociedade que determinam uma linguagem mais polida para as mulheres. Contudo, em sociedades onde a mulher desempenha papéis de maior decisão, essa constatação é passível de confrontação.

Analisando os dados obtidos , no que se refere á comunidade lingüística de Belém, repete-se aqui mais uma vez a lição da Sociolingüística pela qual as mulheres são obedientes ao padrão culto da língua.

Conforme os dados expostos na tabela 9, na ocorrência da variável dependente **-ram** , as mulheres tiveram ocorrências com peso relativo **.674**, bastante significativo em relação aos homens **.106**. Dessa forma, conclui-se que as mulheres estão mais propensas a desenvolver a variante padrão da língua no que se refere à concordância verbal da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito na fala de moradores de Belém do Pará.

Tabela 9 - Sexo

| FATOR | Aplicação / Total | Percentual | Peso relativo |
|-----------|----------------------|------------|---------------|
| Feminino | 17 / 58 | 29% | .674 |
| Masculino | 10 / 134 | 7% | .106 |

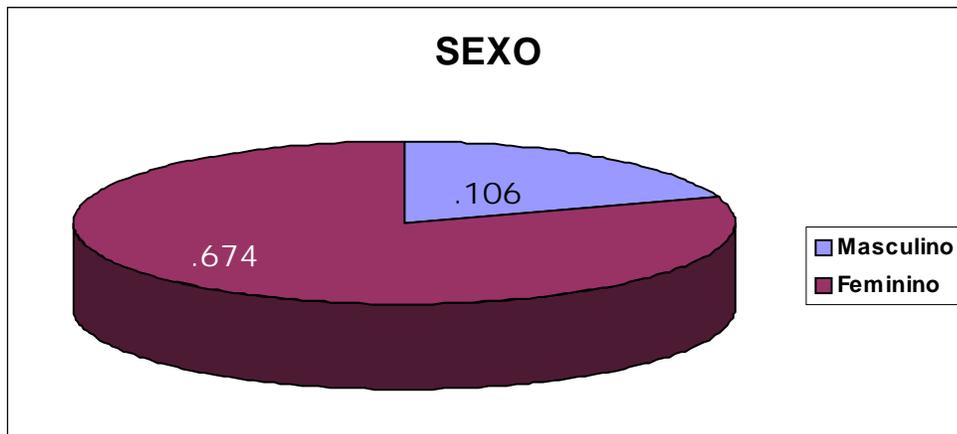


Figura 7 - Sexo

7.4.7 Faixa Etária

De acordo com a faixa etária do indivíduo, facilmente são perceptíveis as diferenças lingüísticas de acordo com a faixa etária. Sendo assim a comparação da fala de pessoas de diferentes faixas etárias pode revelar diferentes estágios de uma língua.

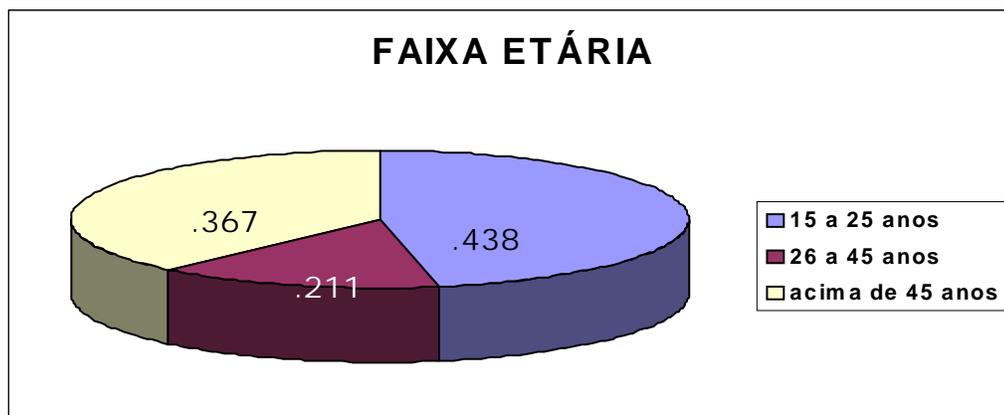
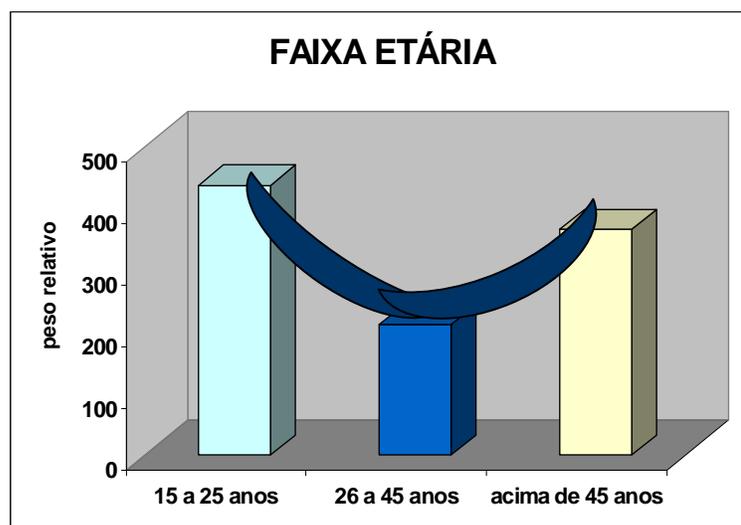
Silva e Scherre (1996) afirmam :

... teoricamente observando uma linguagem falada por uma pessoa de cinquenta anos, teríamos o reflexo do que se falava há 36 anos atrás . Assim, as diferenças resultantes da comparação de diferentes faixas etárias poderiam indicar mudanças em processo de implementação no sistema.

Um fator de menor significância para a variável em apreço, segundo o processamento, será aqui considerada em função do interesse de indagar sobre a possibilidade de mudança lingüística em relação ao fenômeno estudado. Trata-se da faixa etária. O fator em apreço apresentou-se em forma côncava, a sugerir um trajeto crescente na direção do uso padrão, justamente naqueles que estão mais próximos da escola: os mais novos. Conforme mostra a tabela 10.

Tabela 10 - Faixa etária

| FATOR | Aplicação / Total | Percentual | Peso relativo |
|------------------|----------------------|------------|---------------|
| 15 a 25 anos | 16 / 85 | 19% | .438 |
| 26 a 45 anos | 8 / 54 | 15% | .211 |
| Acima de 45 anos | 3 / 53 | 6% | .367 |

**Figura 8 - Faixa Etária****Figura 9 – Faixa Etária**

A análise pôde considerar, de um lado, a ocorrência de **-ram**, e de outro lado as outras duas ocorrências **-rum** e **-ru**, para que em uma perspectiva binária, o programa pudesse ele mesmo, apresentar os grupos de maior interferência na ocorrência da variável de maior significância. Assim foi feito o **STEP UP** dando o seguinte resultado:

Os grupos de significância para explicar o fenômeno são (Tabela 11):

Tabela 11 - Tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte

| FATOR | Percentual | Peso relativo |
|-----------------------|------------|---------------|
| Sem vocábulo seguinte | 3% | .76 |
| Átona | 13% | .56 |
| Tônica | 26% | .32 |

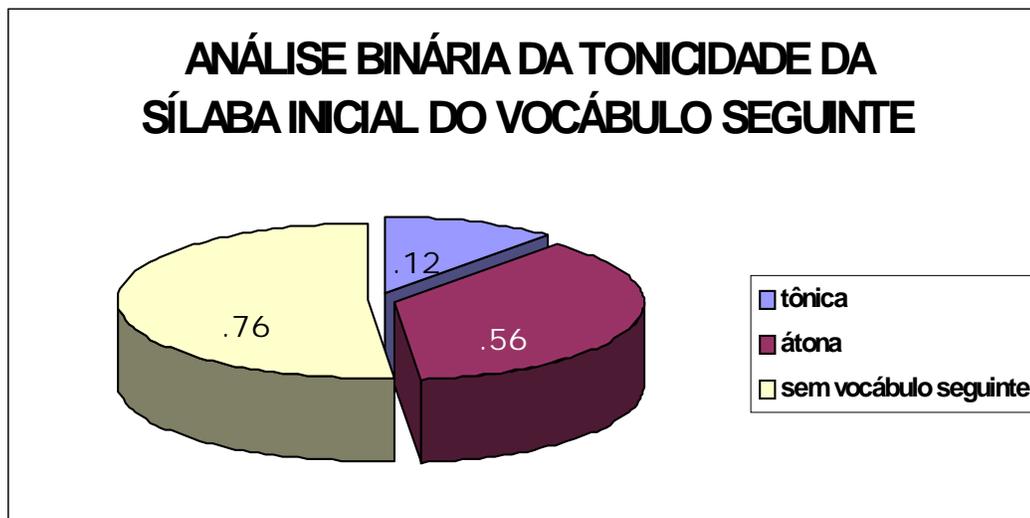


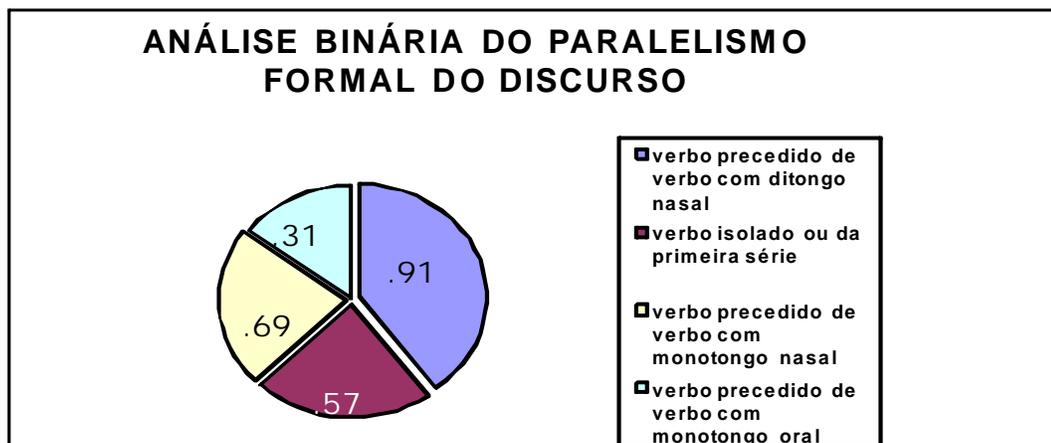
Figura 10 - Análise binária da tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte

Observa-se novamente, com a análise trinomial, que a ausência do acento tônico favorece a forma culta **-ram**. A presença do acento na sílaba inicial do vocábulo seguinte trava a regra.

Considere-se em seguida (Tabela 12):

Tabela 12 – Análise Binária do Paralelismo Formal do Discurso (p. 93)

| FATOR | Aplicação / Total | Percentual | Peso relativo |
|--|-------------------|------------|---------------|
| Verbo precedido de verbo com ditongo nasal | 12 / 20 | 60% | .91 |
| Verbo isolado | 6 / 53 | 11% | .57 |
| Verbo precedido de verbo com monotongo nasal | 4 / 22 | 18% | .69 |
| Verbo precedido de verbo com monotongo oral | 5 / 97 | 5% | .31 |

**Figura 11 - Paralelismo formal do discurso**

Outra vez, o fato de ser ditongo e o fato de ser nasal entram em conjugação para favorecer **-ram**, desta vez com uma participação ainda maior da nasalidade.

Confirma-se finalmente a interferência do fator sexo, com as mesmas considerações feitas acima.

Tabela 13 - Sexo

| FATOR | Aplicação / Total | Percentual | Peso relativo |
|-----------|-------------------|------------|---------------|
| Feminino | 17 / 58 | 29% | .75 |
| Masculino | 10 / 134 | 7% | .38 |

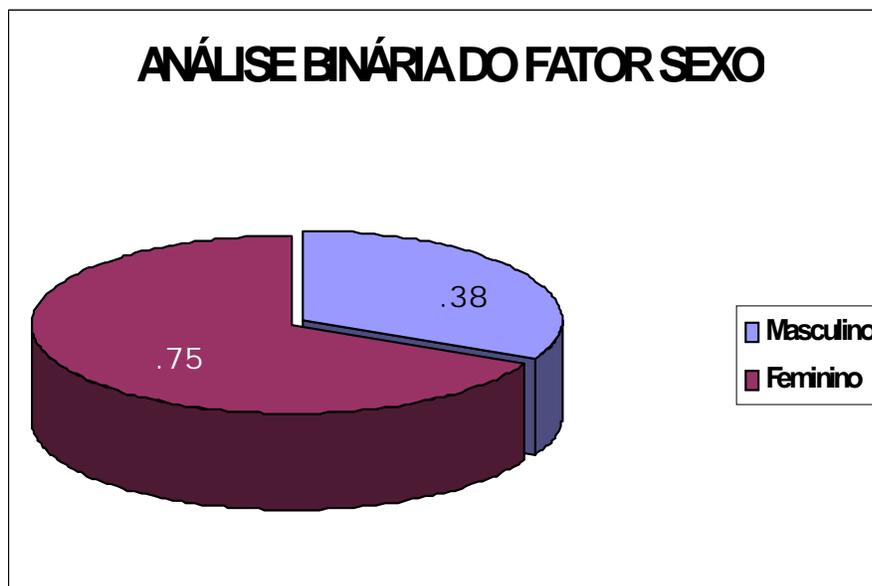


Figura 12 - Análise Binária do Fator Sexo.

7.5 CRUZAMENTOS ENTRE VARIÁVEIS

7.5.1 Variável Sexo x Tonicidade do Vocábulo Formal da Sílabas Seguinte

Achou-se por bem cruzar o único grupo social eleito na rodada binária pelo **SET UP**, com outros dois grupos selecionados nessa mesma perspectiva. Os resultados obtidos demonstram que foi mantida a importância do sexo feminino. Elas vetam a tonicidade pra regra de **-ram**. Conforme demonstra a Figura 13:

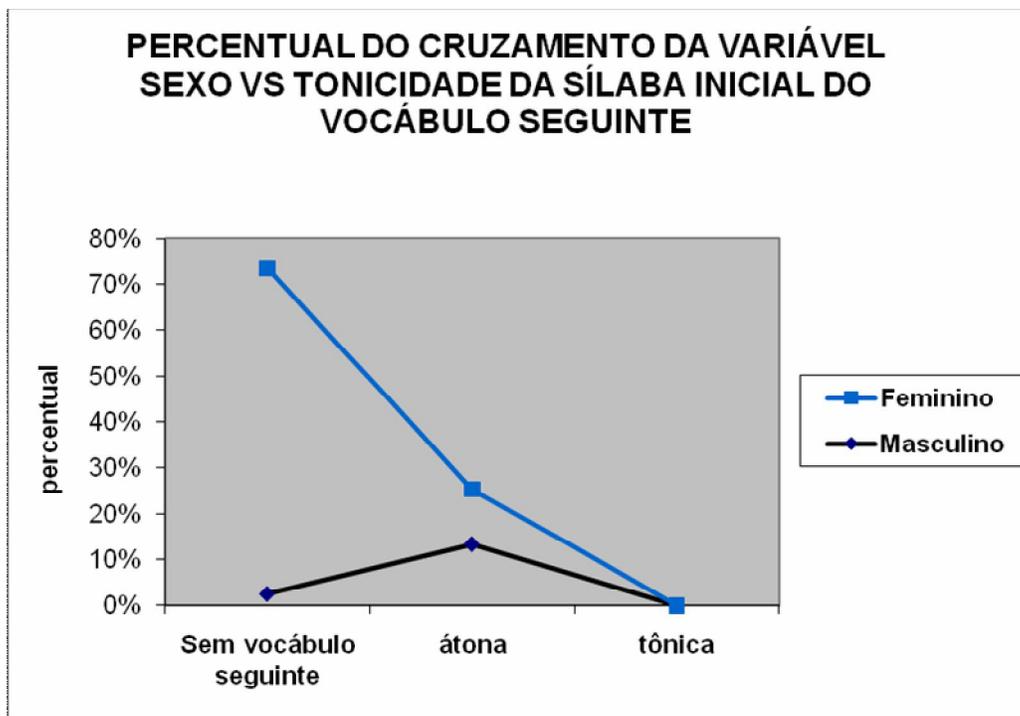


Figura 13: Sexo x Tonicidade do vocábulo formal da sílaba seguinte

7.5.2- Sexo x Paralelismo Formal do Discurso

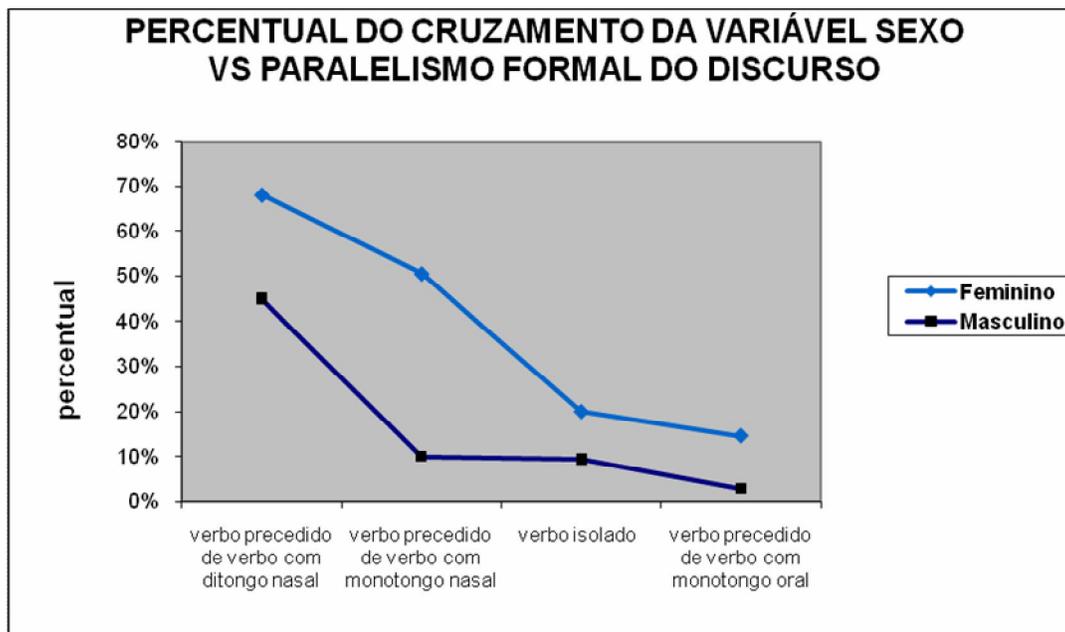


Figura 14: Sexo x Paralelismo Formal do discurso

De acordo com os dados da Figura 14 acima, observa-se novamente a interferência das mulheres na ocorrência de **-ram**. Nasalidade e ditongo compõem uma simetria capaz de explicar a significância dos dois grupos de fatores para ocorrência de **-ram**.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa lingüística buscou avaliar a concordância na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito na fala de paraenses residentes na Belém. Para tal, seguiu-se a Teoria da Variação Lingüística, levando em consideração que há fatores lingüísticos (internos) e extralingüísticos (externos) que interferem nas possibilidades de variação da variável em estudo.

Com o intuito de alcançar esse objetivo, foi feita a revisão dos pressupostos teóricos metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Lingüística de Labov, estabelecemos as variantes, foram transcritos os dados, especificou-se o grupo de fatores lingüísticos e não lingüísticos com base na quantificação estatística do Programa Computacional VARBRUL.

As variáveis lingüísticas trabalhadas nesta pesquisa foram: Conjugação verbal, Posição no grupo de força, Quantidade de sílabas das palavras, Presença ou ausência de complemento, Tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte, Marcas do sujeito, Contexto fonológico seguinte à forma verbal, Posição do sujeito na oração em que se encontra a forma verbal analisada, paralelismo formal do discurso. As variáveis não lingüísticas trabalhadas foram: Sexo, Faixa Etária e Escolaridade.

De acordo com o VARBRUL, os fatores que apresentaram grau de significância foram:

1º Conjugação Verbal

2º Tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte

3º Contexto fonológico seguinte à forma verbal

4º Paralelismo formal do discurso

5º Sexo

6º Faixa Etária

No que tange às variáveis lingüísticas, chegamos às seguintes conclusões:

1ª Variável: Conjugação Verbal:

No que concerne à variável Conjugação Verbal, as formas verbais da terceira conjugação aparecem com as maiores favorecedoras da ocorrência da variável

dependente **-ram**, seguidas das formas verbais da segunda conjugação e com menor significância para a primeira conjugação.

Essas constatações corroboram com os estudos desenvolvidos por Freitas (1996), em que os estudos revelaram maior opção dos falantes pela forma padrão entre os verbos da terceira e segunda conjugação.

Os dados permitiram-nos concluir também que à proporção que a altura da vogal núcleo da marca de pessoa **-ram** se distancia, em termos de elevação da língua, da altura da vogal marcadora de conjugação, a ocorrência de **-ram** fica mais favorecida.

2º Variável Tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte

Os dados analisados nos levaram a conclusão de que se a sílaba seguinte após a forma verbal em estudo for uma sílaba tônica, a ocorrência da variável em estudo é inibida em quase 100%. Contudo, se o que se seguir a forma verbal analisada for a pausa, ou seja, a ausência de qualquer vocábulo, ou um vocábulo iniciado por sílaba átona, a forma padrão **-ram** se realiza quase que categoricamente.

A relevância dessa variável na análise do fenômeno em estudo, difere dos estudos desenvolvidos por Freitas (idem), uma vez que, em suas análises essa variável não se mostrou estatisticamente importante nas análises binárias.

Conclui-se, então, que a ocorrência da variante **-ram** está diretamente relacionada a ambientes fonéticos de menor confronto com maior força expiratória associada à elevação da voz.

3º Contexto fonológico seguinte à forma verbal

A maior ocorrência da variável dependente ocorre diante de vocábulo que inicie por consoante oral. A segunda maior ocorrência se verifica diante de vogal oral, seguido de vocábulo com consoante nasal. Nos casos em que após o verbo em estudo ocorre a pausa há um travamento da regra variável.

Nos estudos desenvolvidos por Freitas (ibidem) a variável contexto fonológico não se mostrou estatisticamente relevante em análise binária.

4ª Variável Paralelismo Formal

A maior ocorrência da variável dependente, segundo os dados, foi verificada

quando o verbo em estudo é precedido de verbo com ditongo nasal no sufixo flexional.

Essas conclusões vão ao encontro dos estudos desenvolvidos por Freitas (1996) em que ficou comprovado a importância do paralelismo nas realizações da variável dependente. Constatou-se que a tendência pra formas idênticas ocorrerem juntas faz com que o uso de uma variante leve o falante a realizá-la seguidamente em seu discurso.

5ª Variável: Sexo

Os resultados obtidos das análises nos permitem concluir que as mulheres na concordância da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito mostram-se obedientes à forma padrão.

6ª Variável: Faixa Etária

Os resultados obtidos demonstram que quanto mais escolarizados, mais próximos estão os falantes de desenvolverem a variável dependente em estudo nessa pesquisa lingüística. Ou seja, quanto mais alto o nível de escolaridade do falante, com mais freqüência observa-se a ocorrência do uso padrão da língua.

Baseados em todas as considerações feitas acima comprovou-se com esse trabalho, a sistematicidade da variação lingüística, visto que foram identificados os grupos de fatores que possivelmente influenciariam a realização da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito na fala de paraenses residentes em Belém. Conforme foi comprovado, a variação é fator inerente a todas as línguas, sendo que fatores lingüísticos e não-lingüísticos influenciam nessa variação. Concluímos que a variação na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo se configura como variação estável.

Estudos posteriores para avaliar a realização do sufixo flexional da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do modo indicativo, tornam-se necessários, uma vez que a língua está num constante processo de mudança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Leila Minatti. *Rupturas e contínuos da concordância nominal em textos orais de informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2003.

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico*. 30ª edição, São Paulo, SP: Loyola, 2000..

CALLOU, Dinah, LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CAMACHO, R.C. *Sociolingüística. Introdução à Lingüística*. São Paulo: Cortez, 2001.

CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.

_____. *Dicionário de lingüística*. Petrópolis, Vozes, 1977.

CARONE, F. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1990.

CASSIQUE, Orlando. *Corpus estratificado de língua falada da cidade de Belém*. UFPA, 2004, inédito.

CASTILHO, Ataliba. (org.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Queiroz, 1986.

COSTA, Antônio Cândido. *A fundação de Belém: reivindicação histórica*. Belém: Loyola, 1915.

CUNHA, Celso e CINTRA, L.F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

DU BOIS , Jonh W.. Competing Motivations. In: HAIMAN, Jonh. *Iconicity in syntax*. Amsterdam: Jonh Benjtiming, 1984, p.342-65.

ELIAS, Silvio. *Sociolingüística: Introdução*. Rio de Janeiro: Padrão, 1987.

FREITAS, Leida Maria Costa de. Realizações da Flexão das Formas Verbais na 3ª Pessoa do Plural na Fala de Paraenses. Dissertação de Mestrado, UFPA, Belém, 1996.

GUY, Gregory R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of phonology, syntax, and language history*. Philadelphia: university of Pennsylvania, Ph D. Dissertation, 1981. 391, p. mimeo.

LABOV, William. The social stratification of English in New York. Washington, D. C. Centur for Applied Linguistics, 1966.

_____. *Modelos Sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra S. A., 1983 (versão espanhola de LABOV, 1972).

_____ *Sociolinguistics patterns*. 3. ed. Philadelphia: university of Pennsylvania Press, 1975.

_____ *Modelos sociolingüísticos*. Traducción José Miguel Marinas. Madrid: Cátedra, 1983.

LEMLE, Miriam. *Análise sintática (Teoria geral e descrição do português)*. São Paulo, Ática, 1984.

LEMLE, Miriam & NARO, Anthony Julius. *Competências básicas do português*, 1977.

LUCCHESI, Dante. *As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil*, D.E.L.T.A., São Paulo, 17: 1, 2001, pp. 97-130.

MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolingüística: O Tratamento da Variação*. São Paulo, Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Cristina (orgs) . *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras. Vol. 1. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.*

NARO, Anthony J. *The social and structural dimensions of a syntatic change*. Language, v , 57, n 1, 1981.

_____ *O Dinamismo das Línguas*. In: MOLLICA, Maria Cecília & Braga. *Introdução à Sociolingüística : O tratamento da Variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. *Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico*. In: SILVA, Fábio Lopes, e MOURA. Heronildes Maurílio de Melo. *O Direito à fala: A questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis, SC: Insular, 1988.

PAIVA, Maria da Conceição de. *A variação gênero/sexo*. In: MOLLICA, Maria Cecília & Braga, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PERINI, Mário A. *A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte, Vigília, 1976.

POPLACK, Shana. *Function and Process in a variable phonology*. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1979.

RAZKY, Abdelhak. *Estudos Geo-Sociolinguísticos no Estado do Pará*. Belém, 2003.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. UFRJ, Rio de Janeiro, 1988. Tese de Doutorado.

_____ (org.). *Introdução ao pacote Varbrul versões 1988/1992*.

_____ & SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. *Padrões Sociolinguísticos; Análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998.

_____ Levantamento, codificação, digitação e quantificação de dados. *Introdução à sociolinguística Variacionista*. Cadernos didáticos, UFRJ, 1992.

SILVA, M. Cecília P. de Souza e & KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística Aplicada ao Português: sintaxe*. 5ª. Ed. São Paulo: Cortez, 1993.

TARALLO, Fernando. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas - São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. (Coleção linguagem - crítica)

_____ . *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo, SP: Editora Ática, 2002.

WENRICH, Labov & Herzog. *Empirical foundations for a theory of language change*, 1968.